

MUMU, A VACA METAFÍSICA

Tragicomédia em dois atos e oito quadros

Marcílio Moraes

PERSONAGENS

JEREMIAS
CLOTILDE
BERENICE
PEDRO
ATAÍDE

CENÁRIO

Sala de família classe-média, de época indeterminada. Há uma mesa de quatro lugares, poltronas, sofá, máquina de costura e objetos diversos. Ao fundo uma grande porta. À direita, porta para o exterior. À esquerda, corredor para o interior.

NOTA

JEREMIAS e ATAÍDE serão representados pelo mesmo ator.

PRIMEIRO ATO – QUADRO I

CLOTILDE, JEREMIAS.

- A cena está vazia e escura. Entra CLOTILDE pela esquerda e acende a luz. Tem o andar lento e a expressão cansada mas está visivelmente alegre. Traz uma toalha e a estende sobre a mesa. Volta ao interior e traz dois pratos de sopa e talheres, que arruma cuidadosamente sobre a mesa. Vai ao interior novamente e traz dois copos e uma moringa. Arruma-os e senta-se numa das cadeiras. Apóia o cotovelo na mesa e descansa a cabeça na palma da mão. Fica com o olhar perdido e um leve sorriso nos lábios. Após alguns momentos ouve-se o ruído de chave rodando na fechadura. JEREMIAS abre a porta da direita e entra. Veste um terno simples e traz um guarda-chuva que coloca cuidadosamente num móvel próprio.

JEREMIAS – *(Notando a presença de CLOTILDE.)* Você está aí?

CLOTILDE – *(Levantando-se.)* Já chegou? Vai ter vida longa. Estava pensando em você agorinha mesmo. Como foram as coisas hoje?

JEREMIAS – Que calvário, mulher. Que calvário. *(Ela o ajuda a tirar o paletó, que pendura no encosto de uma cadeira.)*

CLOTILDE – Algum problema?

JEREMIAS – Os mesmos de sempre. Era até melhor que aparecesse um novo, que Deus me perdoe. Pelo menos a gente se preocupava com uma coisa diferente. *(Senta-se à mesa. Sacudindo a cabeça.)* Eu não entendo. Não entendo. Por trás de tudo isso tem que haver uma coisa dirigindo. Um desígnio. É tanta safadeza, tanta desonestidade, tanta impunidade. Só os sem-vergonhas que se dão bem, que sobem na vida. Tem que haver um castigo. Tem que haver.

CLOTILDE – Esquece isso agora. Deus é grande.

JEREMIAS – Põe o jantar. *(Ela sai pela esquerda. Ele fica balançando a cabeça e resmungando)* Hum! *(CLOTILDE traz uma terrina que coloca sobre a mesa.)* Traz o pão. *(Ela sai pela esquerda e volta com dois pedaços de pão num prato. Coloca sobre a mesa. Ele estende o prato e ela serve a sopa.)* É o que eu te digo, mulher. Quem é trabalhador, quem cumpre com seus deveres, quem não se mete em patifaria... Chega. *(Ela serve a si própria e senta-se. JEREMIAS corta um pedaço de pão com a mão. Comem.)* Esse está sempre por baixo. Ninguém reconhece. *(Pausa.)* Hoje o doutor Jaime me chamou na sala dele e perguntou: *(Arremedando.)* seu Jeremias, onde é que o senhor mora? Já fiquei desconfiado. Quando chefe começa com essas intimidades boa coisa não é. Eu moro no bairro da Saúva, doutor, respondi. Sabe o que que ele disse? É um safado mesmo. *(Arremedando.)* Mas ali é um lugar tão ruim, tão longe, seu Jeremias. Como é que o senhor agüenta?

CLOTILDE – Falou assim é?

JEREMIAS – Assim como eu estou dizendo.

CLOTILDE – Que coisa, meu Deus.

JEREMIAS – Agüento porque não sou safado, porque não me meto em patifaria, vivo com o meu ordenado. Por isso que agüento. É longe, feio, mas só mora gente decente. Não é como o bairro do senhor não. Bonitinho por fora mas cheio de gente indecente, de safados, de mulheres desquitadas e outras coisas que nem é bom falar. (*Pausa.*) Não disse isso porque afinal de contas ele é meu chefe e a gente tem que respeitar. Mas que tive vontade, tive. (*Catagórico.*) Não é bairro de rico mas só mora gente decente.

CLOTILDE – Antes fosse, meu velho. Antes fosse. Você nem sabe o que que aconteceu hoje.

JEREMIAS – Que foi?

CLOTILDE – (*Indicando com o polegar e abaixando um pouco a voz.*) Imagina que essa sujeitinha aí do lado teve a petulância de vir bater hoje aqui.

JEREMIAS – (*Incrédulo.*) Aqui?

CLOTILDE – (*Indicando a porta da direita.*) Nessa porta que aí está. (*Arremedando.*) Ah, dona Clotilde, queria dar uma palavrinha com a senhora.

JEREMIAS – Bateu aqui?

CLOTILDE – É o que eu estou te dizendo.

JEREMIAS – Teve esse descaramento? Depois do que ela fez? Depois que todo mundo viu ela recebendo um homem em casa? Mas onde é que nós estamos? Este mundo está pelo lado do avesso mesmo.

CLOTILDE – Contando não se acredita.

JEREMIAS – E o que que ela queria?

CLOTILDE – Aí é que vem o melhor. Você vai cair pra trás.

JEREMIAS – Conta logo.

CLOTILDE – Queria que eu ficasse tomando conta da casa dela, (*Arremedando.*) porque vem umas pessoas me visitar e eu não posso esperar. Pediu pra eu avisar que ela tinha um compromisso e teve que sair. Você já viu uma coisa dessas?

JEREMIAS – Não sou porteira de casa de tolerância, você devia ter respondido.

CLOTILDE – Graças a Deus eu tenho o que fazer, minha filha. Não sou desocupada não. Não tenho tempo pra tomar conta da vida de ninguém. Isso é que eu devia ter respondido.

JEREMIAS – Meu marido é um homem honesto e não trabalha pra eu ficar em casa de mexerico não. Isso ela precisava ouvir.

CLOTILDE – Mas ela não ficou sem resposta não. Só não disse nada pesado porque acho que o melhor é a gente ignorar. O que essa gente quer é escândalo, é fofoca. O melhor é a gente não dar confiança. Isso é que deixa elas mais danadas.

JEREMIAS – Fez bem. Não se pode dar confiança. Mas que que você respondeu?

CLOTILDE – Disse que estava muito ocupada, que ia ficar o dia todo aqui pra dentro mas que se eu visse as pessoas chegando eu avisava. Mas falei dum jeito que ela percebeu muito bem o que que eu estava pensando. Ela não é boba não. (*Pausa.*) Você precisava ver como é que ela estava. (*JEREMIAS estende o prato e ela serve mais sopa.*) Na certa ia ter um encontro. Com um vestido apertadinho, muito pintada. E fazendo aqueles olhares de vagabunda. Tive que fazer força pra não botar ela porta afora.

JEREMIAS – Ela entrou aqui?

CLOTILDE – (*Zangada.*) Que entrou. Você acha que eu deixo gente dessa laia pôr os pés na minha casa? Parece maluco.

JEREMIAS – Você disse que ia botar ela pela porta afora. Qualquer pessoa ouvindo isso entende que ela estava aqui dentro e você ia botar ela pra fora. Não que ela estava lá fora e você ia botar ela mais pra fora ainda. Você fala as coisas erradas e acha que os outros têm que entender certo.

CLOTILDE – Não estou falando com qualquer pessoa. Estou falando com você.

JEREMIAS – Mesmo assim você tem que falar as coisas certas. Não sou burro não. Mas também não sou obrigado a adivinhar.

CLOTILDE – Já começa ele. Quando é que eu disse que você é burro?

JEREMIAS – Não disse claramente. Mas falou dum jeito que quem ouve pensa que eu sou burro.

CLOTILDE – O caso é que ela não entrou aqui. Pronto. Fiz questão que ela ficasse bem lá fora. Pra todo mundo ver que aqui ela não entra. Senão vão dizer que nós ficamos amiguinhas. Você sabe como essa gente é maldosa, né.

JEREMIAS – Sei. Sei melhor que você. Imagina que andaram dizendo lá na repartição que eu era assim esquisito porque minha mulher é preta.

CLOTILDE – Quem é preta?

JEREMIAS – Você. Disseram que você era preta e eu tinha vergonha. Por isso que não me dava com ninguém.

CLOTILDE – Foram inventar uma coisa dessas?

JEREMIAS – Pra você ver. Onde é que eles foram tirar isso, meu Deus?

CLOTILDE – Vai ver que foi alguma coisa que você disse, Jeremias.

JEREMIAS – O que? Você é branca. Que que eu podia dizer? Isso é pura maldade. Não percebe? Aquela gente não vale nada. São capazes de fazer qualquer coisa pra denegrir a reputação de um homem. Principalmente se é alguém honesto, que cumpre seus deveres,

como eu. Aí é que eles ficam com mais ódio, com mais rancor. Porque a minha integridade ofende eles. Mostra o quanto são sórdidos. Imagina inventarem uma coisa dessas. Já devem ter ido dizer até pro chefe. Que que ele não deve estar pensando de mim? Acho até que foi por isso que ele me chamou lá e veio com aquelas perguntas. Foi pra me sondar.

CLOTILDE – Afinal o que que ele queria?

JEREMIAS – Quando eu falei onde morava ele desconversou. Disse que eu podia deixar. Que ele estava procurando apartamento pro cunhado dele mas que por aqui não servia não. Mas pra mim aquilo era uma manobra. Agora é que estou percebendo.

CLOTILDE – Você precisa tomar cuidado com essa gente, Jeremias. Você acaba sendo prejudicado.

JEREMIAS – Mais do que eu tomo? Você acha que dou confiança a eles? Não senhora. Ponho eles no seu lugar.

CLOTILDE – Mas você não desfez essa intriga?

JEREMIAS – Na mesma hora. Tirei tua fotografia do bolso e mostrei pro Cunha. Está aqui, ó. Olha você mesmo e vê se ela tem alguma coisa de preto. Mas não sei. Desconfio muito do Cunha. Ele é meio debochado. Vai ver que foi ele mesmo que inventou isso e veio me contar pra debochar ainda mais.

CLOTILDE – Você tem que esclarecer isso direitinho, Jeremias. Na minha família nunca teve preto. Até cachorro mamãe fazia questão que fosse branco. Cachorro preto tem parte com o diabo, ela dizia. Dizerem que eu sou preta. Corja de vagabundos.

JEREMIAS – Isso não fica assim não. Pode deixar. Hoje não falei nada porque não tive ocasião. Mas amanhã vou procurar o chefe e vou dizer: doutor Jaime, o senhor não acredita nessa intriga não. Minha mulher é branca. Sou um homem de bem. Está aqui a fotografia dela.

CLOTILDE – Se ele duvidar eu vou lá pra tirar a prova. Na minha família nunca teve preto. Nem preto nem afeminado. Graças a Deus.

JEREMIAS – E ele vai duvidar de mim? Ele que se atreva. Sou homem de respeito, de princípios. Isso ele já teve ocasião de perceber. Tanto que comigo não vem com certas histórias.

CLOTILDE – Vai ver até que dizem outras coisas, Jeremias. Você tem que tomar muito cuidado.

JEREMIAS – Eu tomo. Mas os patifes são perversos. São capazes de tudo pra prejudicar quem não se mete em patifaria. *(Pausa. Levanta-se.)* Que calvário, meu Deus. Que calvário. Mas eu sei que estou certo. Não sou rico mas sou honesto. Tenho uma vida decente. Isso é que é importante. *(Sorri e olha para a porta central.)* Além disso tem uma coisa que eles não sabem. Somos muito superiores a eles. Não chegam nem a nossos pés. Não há riqueza nem prazer no mundo que substitua isso. Porque dá um verdadeiro sentido a nossas vidas, Clotilde. São uns pobres de espírito. *(Ouve-se um mugido de vaca por trás da porta central.)*

JEREMIAS *sorri satisfeito.*) Como é repousante ouvir esse som. Ela é o único conforto que temos, Clotilde. *(Senta-se à mesa e segura as mãos de CLOTILDE.)*

CLOTILDE – São uns infelizes. A gente fala mas não precisa se preocupar. Eles não são nada.

JEREMIAS – Não sei como eu poderia suportar esse calvário se não fosse ela.

CLOTILDE – Deus sabe equilibrar as coisas, Jeremias.

JEREMIAS – É verdade.

(Silêncio)

CLOTILDE – Vou buscar o doce. *(Recolhe os pratos e a terrina e sai pela esquerda. JEREMIAS fica pensativo. CLOTILDE volta com dois pratinhos de doce, põe na mesa e senta-se. Comem.)* Agora que você se acalmou vou contar uma coisa. Desde que você chegou estou pra contar.

JEREMIAS – Coisa boa ou ruim?

CLOTILDE – Acho que é boa. *(Dando uma risadinha.)* Você nem faz idéia.

JEREMIAS – Que que pode ser? Fala logo. Está me deixando nervoso.

CLOTILDE – Nem sei como contar.

JEREMIAS – *(Impaciente.)* Conta.

CLOTILDE – Recebi uma carta.

JEREMIAS – *(Espantado.)* Carta? De quem?

CLOTILDE – Nossa filha vem morar com a gente.

JEREMIAS – *(Largando os talheres, boquiaberto.)* Nossa filha?

CLOTILDE – Já terminou a escola. Agora tem que vir.

JEREMIAS – *(Assustado.)* Mas como é que vai ser, Clotilde?

CLOTILDE – Tudo se ajeita. *(Apreensiva.)* Você não acha bom?

JEREMIAS – *(Atordado.)* Não sei. Parece mentira mas eu nunca tinha pensado nisso. Acho que não queria pensar.

CLOTILDE – No fundo a gente sabia que um dia ia acontecer.

JEREMIAS – A gente sabia. Mas nunca falou nisso.

CLOTILDE – É. E agora?

JEREMIAS – Não sei, mulher. Tenho medo. Muito medo.

CLOTILDE – Não sente alegria também? Vai ser tão bom ter ela aqui. Vai ficar comigo, me fazer companhia. Ensino ela a costurar, a fazer empada.

JEREMIAS – (*Sorrindo.*) Quando eu chegar ela me dá um beijo. Traz o chinelo. Me pergunta como é que foi o dia. Vou trazer sempre um chocolate pra ela. Criança gosta de chocolate.

CLOTILDE – Vou fazer um vestido pra ela. Tenho um tecido que ganhei quando a gente casou. É tão bonito que nunca tive coragem de usar.

JEREMIAS – Tem que ver se ela gosta.

CLOTILDE – Vai adorar, Jeremias. É lindo.

JEREMIAS – Hoje em dia o gosto é diferente.

CLOTILDE – Nada. Tem coisas que nunca saem da moda.

JEREMIAS – (*Preocupado.*) Será que ela vai se adaptar a nossa vida? Hoje é tudo tão diferente. Os jovens já não respeitam os mais velhos.

CLOTILDE – Ela não é assim, Jeremias. Nossa própria filha não vai se revoltar contra a gente.

JEREMIAS – Não sei, Clotilde. Não sei. Nós não somos iguais aos outros.

CLOTILDE – Mas ela também não é igual. Vai gostar dessa casa. Você vai ver.

JEREMIAS – E se ela não aceitar a Mumu? Rir da gente?

CLOTILDE – Que é isso, Jeremias. É uma menina obediente.

JEREMIAS – Quando a gente é jovem vê as coisas diferentes. Também já tive minhas ilusões. Depois é que aprende que essa vida é um calvário. Enquanto não aprende acha que pode rir das coisas mais sagradas. (*Ameaçador.*) A gente vai ter que ser duro com ela, Clotilde. Não pode ter complacência não. Nós sabemos o que é o futuro. Mas ela, os jovens, acham que tudo é sempre cor-de-rosa.

CLOTILDE – Você está se preocupando demais. Tenho certeza que ela é uma moça conscienciosa. Só vai dar alegria.

JEREMIAS – A gente tem que ensinar a ela o bom caminho.

CLOTILDE – Claro, Jeremias. Você fala como se ela fosse uma leviana.

JEREMIAS – Conheço a vida, Clotilde. (*De dedo em riste.*) Temos que ter muito cuidado. Os jovens hoje em dia são cheios de idéias. É um perigo.

CLOTILDE – (*Preocupada.*) Será que ela não vai se dar com a Mumu?

JEREMIAS – Vai custar a compreender. Por isso a gente tem de ser duro, ensinar com rigor. Com o tempo ela compreende e acaba reconhecendo.

CLOTILDE – Deus é grande.

(Silêncio.)

JEREMIAS – A vida é um verdadeiro calvário, Clotilde. Você vê. Sem a Mumu não seríamos nada. Dedicamos nossa vida toda a ela. Sofremos os maiores sacrifícios. *(Apontando para a porta central.)* Mas graças a Deus temos algo de que nos orgulhar. *(Consternado.)* Apesar de todo o sacrifício hoje corremos o risco de nossa própria filha *(Enfático, apontando para a direita.)* entrar por aquela porta e dizer que a Mumu não vale nada.

CLOTILDE – *(Benzendo-se.)* Te esconjuro, Jeremias. Cruz.

JEREMIAS – Que calvário. Que calvário.

CLOTILDE – Isso não vai acontecer. Ela é sangue do nosso sangue, carne da nossa carne. Vai ser boazinha. Você vai ver.

JEREMIAS – Deus queira. Caso contrário...

CLOTILDE – *(Levantando-se e recolhendo os pratos e talheres.)* Vem dormir. Não adianta ficar se preocupando. Tudo vai dar certo.

(Ele ajuda-a a levar a louça. Os dois saem vagarosamente pela esquerda.)

QUADRO II

CLOTILDE, JEREMIAS, BERENICE.

- *A cena está vazia, mas iluminada. Ouve-se tocar a campainha.*

CLOTILDE – *(Aflita, fora.)* É ela, Jeremias. *(Entra pela esquerda. Pára no meio da sala, olha assustada para a porta da direita, torce as mãos e vai abrir. Abre. Fica olhando para fora, sem saber o que dizer.)*

BERENICE – *(Fora.)* Mãe?

CLOTILDE – É você, Berenice? *(JEREMIAS surge na esquerda e fica olhando, tenso.)* Entra. Estávamos esperando por você.

BERENICE – *(Entra com uma mala.)* Com licença. *(Examina a eles e ao ambiente.)*

JEREMIAS – *(Aproximando-se dela.)* É você, Berenice?

BERENICE – Pai?

JEREMIAS – Sou eu.

CLOTILDE – Jeremias já estava preocupado. Toda hora falava: ela está demorando tanto. *(Sorrindo.)* Mas agora você chegou.

BERENICE – É.

JEREMIAS – Estamos muito felizes.

BERENICE – Eu também.

JEREMIAS – *(Aflito.)* Mas me dá aqui sua mala. *(Tira a mala das mãos dela e a coloca num canto.)* Você deve estar cansada.

CLOTILDE – Senta. *(Ela senta-se à mesa.)* Como foi a viagem?

JEREMIAS – *(Para CLOTILDE.)* Fecha a porta.

CLOTILDE – Já ia esquecendo. *(Fecha a porta.)*

BERENICE – Foi boa. Um pouco cansativa.

JEREMIAS – Esses ônibus são muito desconfortáveis.

CLOTILDE – Você deve estar com fome, né?

BERENICE – Não. Comi umas coisas na viagem.

CLOTILDE – Essas coisas de estrada não alimentam nada. Só fazem mal. Vivo dizendo pro Jeremias não comer nada na rua. A gente nunca sabe como aquilo foi feito, né.

BERENICE – *(Sem graça.)* É.

CLOTILDE – Vou preparar uma coisinha pra você comer.

BERENICE – Não precisa se incomodar. Não estou com fome mesmo.

CLOTILDE – Nada disso. Não dá trabalho nenhum. Fiz um bolinho especialmente pra você. Está uma delícia. Vou trazer um pouquinho de chá também. Essas viagens enjoam tanto.

BERENICE – Não precisa. Eu...

JEREMIAS – *(Para CLOTILDE.)* Vai buscar logo, mulher. Fica só falando.

CLOTILDE – Já vou. *(Encaminha-se para a esquerda.)*

JEREMIAS – Traz pra mim também. *(CLOTILDE sai. Ele senta à mesa.)*

BERENICE – Está vendo? Já estou dando amolação a vocês.

JEREMIAS – Amolação nenhuma. Você só nos dá prazer.

BERENICE – Obrigada. *(Silêncio. JEREMIAS olha para ela, maravilhado. Ela evita o olhar e examina a sala.)*

JEREMIAS – Não repare não. A casa é simples mas nunca faltou nada. Graças a Deus.

BERENICE – É simpática. *(CLOTILDE entra pela esquerda. Traz uma bandeja com bolo e três xícaras. Põe a mesa.)*

JEREMIAS – *(Para CLOTILDE, satisfeito.)* Está vendo? Ela disse que a casa é simpática.

CLOTILDE – Não falei? Tinha certeza que ela ia gostar.

BERENICE – Gosto muito.

CLOTILDE – *(Troca um olhar satisfeito com JEREMIAS.)* Jeremias ficava dizendo que você ia achar isso aqui muito antiquado, que não ia se adaptar.

JEREMIAS – *(Contrafeito.)* Eu não disse nada disso, Clotilde. Não gosto que distorçam minhas palavras. Eu disse que às vezes os jovens, alguns jovens, não se adaptam aos hábitos dos mais velhos. Mas não estava me referindo a Berenice, é claro. Você fica falando essas coisas ela vai pensar que a gente não queria que ela viesse.

BERENICE – Não...

CLOTILDE – Então ela vai pensar uma coisa dessas, Jeremias? Que absurdo.

BERENICE – Não, papai.

JEREMIAS – Ela não diz **porque** é uma moça educada. Mas no fundo vai pensar **sim. Pois** você fica falando essas coisas. Vai buscar logo o chá, em vez de ficar dizendo bobagem. A pobrezinha já está até pálida.

CLOTILDE – (*Assustada.*) Está sentindo alguma coisa, meu bem?

BERENICE – **Não absolutamente.** Não estou sentido nada.

CLOTILDE – Quer um pouquinho de bicarbonato?

BERENICE – Não. Eu não tenho nada, mamãe. Não precisa se preocupar.

CLOTILDE – Então vou trazer logo o chá. Vai melhorar, você vai ver. (*Sai apressada pela esquerda.*)

BERENICE – Mas eu não...

JEREMIAS – Traz um pedaço de queijo também. (*Para BERENICE.*) Não repara não. Ela é avoadá assim mesmo. Se a gente não falar não traz nem o pão pra mesa.

BERENICE – Mas não precisava se incomodar.

JEREMIAS – Deixa de bobagem. Aqui é sua casa. (*Pausa.*) Que que você comia lá no colégio?

BERENICE – De tudo. Era muito variado.

JEREMIAS – Eles serviam lanche?

BERENICE – Só nos domingos, que não tinha jantar. Ou então quando alguém fazia aniversário.

JEREMIAS – (*Escandalizado.*) Não tinha lanche? Vocês ficavam com fome?

BERENICE – Não. O almoço e o jantar eram bem reforçados.

JEREMIAS – Mesmo assim é um absurdo. Deixar as pessoas sem lanche. (*Sacudindo a cabeça.*) Hum! Pois aqui você vai poder tomar lanche todo dia. A casa não é rica mas graças a Deus a mesa é farta. Ninguém pode dizer que come melhor que a gente. No Natal tem de tudo: nozes, avelãs, castanhas, galinha, doces, figos, vinho. Eu não deixo faltar nada. Tem muita gente aí que mora em palacete e no Natal come a comida de todo dia. Aqui não. (*Pausa.*) Você gosta de galinha ao molho pardo?

BERENICE – Gosto.

JEREMIAS – (*Satisfeito.*) Todo domingo Clotilde faz. Na minha casa o domingo é sagrado. Nunca faltou galinha.

CLOTILDE – *(Entrando pela esquerda com um bule de chá e queijo.)* Estão falando de galinha? Hum! Que assunto gostoso. *(Para BERENICE.)* Você gosta de galinha?

BERENICE – Gosto.

CLOTILDE – Então domingo vou fazer galinha ao molho pardo pra você. *(Serve o chá e oferece bolo e queijo.)*

JEREMIAS – *(Para CLOTILDE.)* Eu já disse a ela.

CLOTILDE – *(Para BERENICE.)* Come à vontade. Não vai fazer cerimônia. *(Para JEREMIAS.)* Já disse o quê? *(Senta-se.)*

JEREMIAS – Que você vai fazer galinha no domingo.

CLOTILDE – Ah, já disse. Você também tem que ir logo falando tudo, né?

JEREMIAS – Que que tem isso, Clotilde?

CLOTILDE – Essa sua mania de falar tudo. Não gosto disso. *(JEREMIAS faz um gesto de enfado. Para Berenice.)* Você gosta de doce de **côco**?

BERENICE – Gosto.

CLOTILDE – Então domingo vou fazer pra você. Tenho uma receita que é do tempo da minha avó. Fica delicioso.

BERENICE – *(Sem graça.)* Que bom. *(JEREMIAS e CLOTILDE trocam um olhar satisfeito.)*

JEREMIAS – Mas come, menina. Você fica dando ouvidos a Clotilde e não come nada. *(Para CLOTILDE.)* Pára de falar um pouco. Deixa a menina comer, mulher.

CLOTILDE – Come, minha filha. Não se preocupe comigo não.

(Ela sorri e começa a comer. Os dois comem também mas não tiram os olhos dela, maravilhados. BERENICE abaixa os olhos. Silêncio.)

CLOTILDE – Está bom?

BERENICE – Está.

CLOTILDE – Come mais um pedaço. *(Corta uma fatia de bolo e dá para ela.)*

BERENICE – Não precisa se incomodar. Estou satisfeita.

CLOTILDE – Que nada. Você não vai fazer cerimônia na sua casa, né?

(Ela sorri e pega a fatia. Os dois trocam olhares satisfeitos vendo-a comer. Silêncio.)

CLOTILDE – Mais um pedacinho de queijo?

BERENICE – Não precisa se incomodar.

CLOTILDE – *(Corta a fatia e põe no prato dela.)* Come sim. Esse queijo está uma delícia.

JEREMIAS – Aproveita, minha filha. *(Para CLOTILDE.)* Imagina que ela estava me dizendo que no colégio não serviam lanche.

CLOTILDE – *(Horrorizada.)* Nossa Senhora! Que gente mesquinha. Então come mais uma fatia de bolo. *(Corta e põe no prato dela.)*

BERENICE – Não precisa. Já estou satisfeita.

CLOTILDE – É por isso que ela está fazendo cerimônia. Lá devia ser tudo controlado. Não é? Mas aqui você pode comer tudo que você quiser. Graças a Deus na nossa mesa não falta nada. Toma mais um pouco de chá. *(Põe na xícara dela.)*

BERENICE – Pode deixar. Já comi muito.

CLOTILDE – Você precisa se alimentar bem.

JEREMIAS – Quando a gente é jovem tem muita fome.

CLOTILDE – Quer uns biscoitinhos? *(Levanta-se.)* Vou pegar.

BERENICE – *(Categórica.)* Não. Chega. *(Sorrindo.)* Por favor. Já estou satisfeita.

CLOTILDE – *(Sentando-se.)* Então você come antes de dormir.

BERENICE – Falem um pouco de vocês. Vocês costumam passear muito?

JEREMIAS – Não. É muito raro a gente sair de casa.

CLOTILDE – Temos a nossa casa. Pra que sair?

JEREMIAS – A rua não ensina nada de bom, minha filha. Em casa a gente está sempre melhor. Não falta nada aqui. Graças a Deus nossa mesa é farta. Temos todo conforto. Pra que sair? Na rua só se vê patifaria, indecência. Aqui pelo menos estamos livres de certo tipo de gente.

CLOTILDE – Tem muita gente ruim nesse mundo, minha filha. Você que é jovem precisa tomar cuidado.

JEREMIAS – Nós conhecemos a vida. É um calvário.

BERENICE – Mas assim vocês ficam muito sozinhos. É tão triste ficar sozinho.

CLOTILDE – Antes só que mal acompanhado.

JEREMIAS – Agora a gente tem você. Mas mesmo antes a gente não vivia sozinho não. Temos alguém que nos dá muito conforto.

BERENICE – **É.** Então vocês têm um amigo?

JEREMIAS – Mais ou menos. (*CLOTILDE olha-o apreensiva.*) Um dia você vai saber.

BERENICE – Conta. Quero saber tudo sobre vocês. Agora também moro aqui e tenho que saber. Eu queria...

CLOTILDE – (*Cortando.*) Ainda tem tanta coisa pra gente conversar. Você sabe costurar?

BERENICE – No colégio elas ensinavam. Mas nunca consegui aprender. Não gosto. O que eu sei bem é taquígrafia. Sou excelente taquígrafa. A professora sempre dizia.

JEREMIAS – Mas isso pra você não tem serventia nenhuma, minha filha.

CLOTILDE – Costurar é que é importante.

BERENICE – Vai ter muita serventia sim. Quero trabalhar fora, de secretária.

JEREMIAS – (*Surpreso.*) Trabalhar fora? Mas pra **que**, meu anjo? Você não precisa. Aqui tem tudo. Bolo, queijo. Não falta nada na nossa mesa. (*Aflito.*) Você queria biscoito? Vai lá pegar, Clotilde.

BERENICE – Não é isso...

JEREMIAS – Ela está pensando que a gente nem tem biscoito em casa.

CLOTILDE – (*Levantando-se, aflita e indo em direção à esquerda.*) Tem sim, minha filha. (*Sai.*)

JEREMIAS – Tem de tudo aqui.

BERENICE – Não é isso que eu estou falando, papai.

JEREMIAS – Você não precisa trabalhar. Posso comprar de tudo. Geléia, doce em calda. Hoje é que não tem. Mas amanhã vou comprar.

CLOTILDE – (*Entrando apressada pela esquerda com uma lata na mão.*) Está aqui. Prova só. É uma delícia.

BERENICE – Eu não quis dizer isso, mamãe.

CLOTILDE – (*Oferecendo.*) Prova. Não é bolacha de água e sal não. É biscoito amanteigado.

JEREMIAS – Come, minha filha. (*Para CLOTILDE.*) Está vendo? Você oferece mas não traz. Ela pensa que a gente passa necessidade.

BERENICE – (*Enérgica.*) Não, papai. Não é isso. Deixa eu explicar. (*Pega um biscoito e come.*) Está delicioso. O lanche estava muito gostoso. Eu sei que vocês não passam necessidade, que aqui tem muita fartura. Não é por isso que eu quero trabalhar. Quero trabalhar pra poder comprar as minhas coisas.

CLOTILDE – Mas aqui tem tudo que você precisa.

JEREMIAS – Um quarto só para você. Com armário, mesa de cabeceira. Colchão meio. Não é colchão ordinário não. (*Levantando-se.*) Vem cá ver. Seu pai não mente pra você não.

BERENICE – (*Impaciente.*) Não, papai. Vocês não entendem o que eu estou falando, meu Deus. Passei a vida inteira num colégio, vestindo uniforme, sem poder fazer nada. Agora eu quero me vestir bem, andar na moda. Entende? Quero me pintar. Quero conhecer gente rica, gente famosa. Quero me divertir. Entende, papai? Entende, mamãe? Não vou ficar nessa vidinha pra sempre não.

JEREMIAS – (*Ofendido.*) O que que você tem contra a vida de seus pais?

BERENICE – Não tenho nada. Eu...

JEREMIAS – (*Furioso.*) Você é minha filha. Me deve respeito. Me deve tudo que você é.

BERENICE – Eu não quero desrespeitar o senhor, papai. Só quero trabalhar fora.

CLOTILDE – Mulher leviana é que trabalha fora, minha filha.

JEREMIAS – Você quer me envergonhar? Que que vão dizer? Que não posso sustentar minha filha, que sou um pé-rapado. Eu trabalho. Não me meto em patifarias mas o que eu ganho é suficiente pra ter uma mesa farta, pra sustentar toda minha família.

BERENICE – Não vou envergonhar ninguém, papai. Não tenho nada contra a vida de vocês. Mas o que eu quero da vida vocês não podem me dar. Mas isso é problema meu. Por isso vou trabalhar. Está decidido. Já escrevi pra uma companhia e amanhã vou lá fazer o teste. (*JEREMIAS troca um olhar com CLOTILDE e os dois abaixam a cabeça. Silêncio.*) Mamãe, papai. Compreendam, por favor. Não quero magoar vocês.

(*Silêncio.*)

JEREMIAS – (*Para CLOTILDE, desolado.*) Que calvário, meu Deus. Que calvário. É o que eu te dizia. Os jovens hoje em dia são cheios de idéias.

CLOTILDE – Nossa cruz é mais pesada do que a gente pensava.

BERENICE – Por favor, não fiquem assim. Gosto muito de vocês. (*Dá um beijo em cada um.*) Não fiquem tristes comigo não.

JEREMIAS – Você está se saindo melhor do que a encomenda, minha filha.

BERENICE – (*Suplicante.*) Eu não sou o que vocês estão pensando. (*Para CLOTILDE.*) Por favor, mamãe. Explica pra ele.

CLOTILDE – Explicar o que. Ele ouviu muito bem. Você quer ter vida de leviana.

JEREMIAS – Se meter com gente que vive em patifarias.

CLOTILDE – Essa gente não presta, minha filha. Vão te arrastar pro lodo. Ouve o que seus pais estão dizendo.

JEREMIAS – Nós temos experiência. O que você quer é ilusão. Só tem gente ruim nesse mundo.

CLOTILDE – Quem segue o caminho da perdição mais tarde se arrepende.

JEREMIAS – Nós sabemos o que é o futuro.

(Ouve-se um mugido atrás da porta central.)

BERENICE – *(Espantada, olhando para os lados.)* Que foi isso? *(Os dois abaixam a cabeça e não respondem.)* Que foi isso? Vocês não ouviram?

CLOTILDE – Não se assuste. É a Mumu.

BERENICE – Mumu? *(Ouve-se outro mugido. BERENICE olha amedrontada para a porta.)* Não estou entendendo.

JEREMIAS – No começo é um pouco difícil entender. Depois passa a fazer parte da vida.

BERENICE – Quem é Mumu?

JEREMIAS – Mumu é uma vaca.

BERENICE – *(Estupefata.)* Uma vaca?

CLOTILDE – *(Séria.)* Uma vaca.

BERENICE – *(Rindo.)* Espera aí. Como é que é o negócio? Será que ouvi direito?

JEREMIAS – *(Com fúria contida.)* Você ouviu perfeitamente. Mumu é uma vaca que mora ali naquele quarto.

BERENICE – O senhor está brincando comigo.

JEREMIAS – *(Levantando-se, furioso.)* Eu não sou homem de brincadeiras. Você respeita o que eu digo. Não admito que você ria duma coisa dessas. É um escárnio intolerável.

CLOTILDE – Mumu é a coisa mais séria que tem nesta casa.

JEREMIAS – O único conforto nesse calvário.

BERENICE – Devo estar sonhando. Não sei se acho graça ou choro. Isso é... É terrível. Ninguém pode viver assim. Mamãe, papai, isso é um absurdo.

JEREMIAS – *(Tremendo de ódio.)* Cala essa boca. Cala essa boca. Você é uma criança ainda. Você não conhece nada da vida. Não sabe o que é o futuro. Um dia vai se arrepender amargamente de ter dito isso.

CLOTILDE – Seu pai sabe o que é bom pra você, minha filha. Não se revolte contra ele.

BERENICE – Eu não quero me revoltar, mamãe. Quero entender as coisas. Mas isso é tão fora de propósito... Tão... Horrível, que eu não posso aceitar.

JEREMIAS – Você tem que aceitar. Quem é você pra não aceitar o que seu pai diz? Quem você pensa que é?

BERENICE – Eu não penso nada, papai.

JEREMIAS – Se não pensa nada então obedece a quem já pensou em tudo.

CLOTILDE – Obedece minha filha.

BERENICE – Eu não quero desobedecer, mamãe. Só acho que tenho o direito...

JEREMIAS – Você não tem direito nenhum. Só tem deveres. Tudo que você é deve a mim.

BERENICE – Calma, papai. Senta aqui e vamos trocar idéias.

JEREMIAS – Não tenho idéia nenhuma pra trocar. Minhas idéias não são figurinhas de jornaleiro.

BERENICE – Sou sua filha, papai.

JEREMIAS – Não interessa. *(Pausa.)* Eles estão cheios de idéias.

BERENICE – *(Irritada.)* Escuta aqui, papai. Eu não estou disposta a aturar isso não. Se vocês moram com uma vaca o problema é de vocês. Eu não tenho nada com isso. Mas tem uma coisa. Eu vou levar a vida que eu quero e ninguém vai se meter. *(Pausa.)* É o único jeito da gente viver junto. Cada um com a sua vida.

(Silêncio.)

JEREMIAS – Que calvário, meu Deus. Que calvário. Eu sabia que isso ia acontecer. Eles não têm mais o menor respeito.

CLOTILDE – Você está sendo ingrata, minha filha. Um dia vai se arrepender amargamente de ter tratado seus pais assim.

JEREMIAS – E aí já não haverá jeito não.

BERENICE – Isso é problema meu. *(Levanta-se.)* Onde é meu quarto?

CLOTILDE – *(Levantando-se e encaminhando-se para a esquerda.)* Vou mostrar.

(Berenice pega a mala e a acompanha. As duas saem. JEREMIAS senta-se à mesa e esconde a cabeça entre as mãos.)

QUADRO III

BERENICE, CLOTILDE, JEREMIAS.

- BERENICE *enxuga pratos e talheres e arruma-os cuidadosamente sobre a mesa, que está revestida com uma vistosa toalha branca de renda. De vez em quando se distrai, fica com o olhar perdido. Depois sorri e volta ao trabalho.*

CLOTILDE – *(Entrando pela esquerda com um vaso de flores, de preferência copos-de-leite.)* Olha como ficou bonito.

BERENICE – É mesmo.

CLOTILDE – *(Colocando no centro da mesa.)* Todo domingo eu colho. Aqui dá tanto copo-de-leite. *(Juntando as mãos e olhando, extasiada.)* E combina tão bem com essa toalha.

BERENICE – A toalha é linda. Onde a senhora comprou?

CLOTILDE – Foi presente de casamento. Até hoje só usei duas vezes. Me dá pena de usar, sabe? Estraga muito. Essa vida já tem tão pouca coisa bonita que se a gente não guardar fica sem nada.

BERENICE – Se não usar também é a mesma coisa que não ter nada, mamãe. Usa. Quando acabar compra outra.

CLOTILDE – Pra você tudo é fácil, né. Dinheiro não nasce em árvore não, minha filha.

BERENICE – Depende de quem planta a árvore.

CLOTILDE – *(Com olhar repreensivo.)* Ram!

(Silêncio. CLOTILDE retoca a arrumação da mesa.)

CLOTILDE – *(Farejando.)* Hum! Está sentindo?

BERENICE – *(Farejando.)* O cheirinho da galinha?

CLOTILDE – Ram, ram. Não é uma delícia?

BERENICE – Estou morta de fome.

CLOTILDE – Seu pai está demorando tanto hoje. Ele sempre teve essa mania de dar uma voltinha no domingo antes do almoço. Vai aqui por cima até o cemitério. Fica ali horas esquecidas. Visita o túmulo de todas as pessoas que ele conheceu. Às vezes chega aqui já passa de uma hora. E eu esperando. *(Sacode os ombros.)* Ah, que que tem, né? Coitado. Ele já tem tão pouco prazer na vida. Deixa ele se divertir um pouquinho.

BERENICE – A senhora acha que ele ainda está muito zangado? Já estou aqui há um tempão e ele mal fala comigo.

CLOTILDE – Não liga não. No fundo ele gosta muito de você. Está um pouco aborrecido com esse negócio de você trabalhar fora. Com isso ele não se conforma de jeito nenhum. Mas acaba se acostumando. Você vai ver. Eu nem ligo mais. Sei que não adianta. É o que você quer e pronto. Que que se há de fazer?

BERENICE – Que bom que a senhora concordou comigo.

CLOTILDE – Não concordei não senhora. Pra mim lugar de mulher é em casa. Mas também não quero mais me amofinar com isso não.

BERENICE – Tem sido tão bom pra mim, sabe. Acho que nunca fui tão feliz na minha vida. É tão diferente do colégio. Todo dia eu saio. Conheço uma porção de gente. É outro mundo. Quando recebo o ordenado a senhora acredita que fico toda tremendo. Me dá vontade de sair pela rua cantando, dançando, abraçando todo mundo. Pareço uma maluca.

CLOTILDE – Você precisa tomar cuidado. O mundo é muito ruim. Fico tão preocupada. A gente não sabe quem são essas pessoas que você está conhecendo.

BERENICE – São todas maravilhosas, mamãe.

CLOTILDE – Não se fia nas pessoas não, minha filha. Ninguém presta nesse mundo. As únicas pessoas em quem você pode confiar é em seus pais.

BERENICE – Tem muita gente boa também, mamãe.

CLOTILDE – Boa pro fogo. (*Ouve-se o ruído da chave rodando na fechadura.*) Olha ele aí.

JEREMIAS – (*Entrando pela direita.*) Vocês estão aí?

CLOTILDE – Já chegou?

BERENICE – Foi bonito o passeio?

JEREMIAS – (*Tirando o paletó.*) Não sei se se diz que o cemitério é bonito. Sei que me sinto bem lá. Gosto daquela paz, daquele silêncio. Ali pelo menos não se vê nenhuma patifaria.

CLOTILDE – Você demorou tanto, Jeremias. Berenice já estava morta de fome.

JEREMIAS – Ora. Pode pôr. Já estou aqui.

BERENICE – Não é tanto assim, mamãe. Deixa ele descansar um pouco.

JEREMIAS – Não. Põe duma vez. Também já estou com fome. (*Esfregando as mãos, animado.*) Com esse cheirinho de galinha não dá pra esperar muito não.

CLOTILDE – Então vou servir. (*Encaminha-se para a esquerda.*)

BERENICE – Vou te ajudar.

CLOTILDE – Não precisa. Fica aí com seu pai que eu trago. (*Sai.*)

JEREMIAS – *(Sentando-se à mesa.)* Senta aí, menina. Deixa que sua mãe traz. *(Ela senta-se.)* É bom chegar em casa no domingo sabendo que tem galinha na panela. Muita gente que se diz boa não tem isso. Contam muita vantagem mas em casa os filhos passam necessidade. É triste. Eu conheço o mundo, minha filha. Um calvário.

BERENICE – O senhor é muito amargo, papai. Também tem muita coisa boa.

JEREMIAS – Que Deus me tenha longe dessas “coisas boas”. Você ainda vive na ilusão da juventude, minha filha. Mais tarde vai dar razão a seu pai.

CLOTILDE – *(Entrando com uma terrina e colocando sobre a mesa.)* Não sei se está bom de sal. Jeremias sempre fala que ponho sal demais. Hoje pus só um pouquinho. Vamos ver se ele vai falar.

JEREMIAS – Só falo quando tenho razão. Não sou de criar caso à toa não. *(Estende o prato e ela serve.)*

CLOTILDE – Você gosta muito de ter um motivo pra reclamar. Pensa que não te conheço? *(Para Berenice.)* Quer coxa ou peito?

BERENICE – Peito.

(Ela serve. Depois serve a si própria. Os três comem. Silêncio.)

CLOTILDE – *(Para JEREMIAS.)* Está bom?

JEREMIAS – *(Mastigando.)* Mais ou menos.

BERENICE – Está muito gostoso.

CLOTILDE – *(Mastigando.)* Está bom de sal?

BERENICE – Pra mim está.

(Silêncio.)

JEREMIAS – Hoje vi a sepultura do Senador Eusébio. Lembra dele, Clotilde?

CLOTILDE – Lembro.

JEREMIAS – Pra se ver o que é a vida. Não tinha uma flor lá. E na época era o homem mais conhecido da cidade. A gente passava em frente à casa dele aquilo estava sempre cheio.

CLOTILDE – Toda semana davam festa.

JEREMIAS – Diziam que ele vivia em farras e pifões. Falavam até que ele era dado a patifarias. Isso não sei. Sei que todo mundo vivia bajulando ele. **E agora. Nem uma flor.** Você imagina que até limo nos cantos tinha, Clotilde?

CLOTILDE – Que coisa, meu Deus.

JEREMIAS – Não tive dúvida. Pedi uma escova ao coveiro e limpei. Depois comprei uma flor e pus lá. E olha que eu nunca nem cheguei perto desse homem, hem. Se eu estivesse na calçada e ele passasse com o carro nem se incomodaria em me jogar lama. Mas eu tenho respeito. Afinal de contas era um senador. Respeitar pra ser respeitado. Da mesma forma que eu respeito os que estão acima de mim, (*Olhando para BERENICE.*) quero que os que estão abaixo me respeitem.

(*Silêncio. Comem.*)

JEREMIAS – (*Para BERENICE.*) Como vão as coisas (*Em tom de censura.*) no seu mundo?

BERENICE – Cada dia melhores. Conheci um rapaz fabuloso.

JEREMIAS – (*Trocando um olhar com CLOTILDE.*) Um rapaz?

CLOTILDE – Conheceu como?

BERENICE – Ele trabalha na companhia.

JEREMIAS – Na mesma sala que você?

BERENICE – Não. É de outra seção.

CLOTILDE – Então como é que você conheceu ele?

BERENICE – Na saída. Um dia eu estava esperando o ônibus e ele me perguntou as horas. Aí a gente começou a conversar e ficamos amigos.

JEREMIAS – Que que vocês fazem?

BERENICE – Ele sempre me espera na saída e me traz até aqui perto.

CLOTILDE – Que que vocês conversam?

BERENICE – Uma porção de coisas, mamãe. Sobre a gente, o trabalho, o futuro.

JEREMIAS – Que futuro? Que que vocês sabem do futuro?

BERENICE – Ah! Dos planos da gente, nossos sonhos.

CLOTILDE – Vocês têm planos?

JEREMIAS – Que planos? Quem é ele?

CLOTILDE – Vocês já foram a algum lugar juntos?

JEREMIAS – Que que fizeram?

BERENICE – (*Impaciente.*) Calma. É algum interrogatório? Não é nada demais não. Por enquanto somos só amigos.

JEREMIAS – Por enquanto?

CLOTILDE – Conta isso direito, menina. Não vê que está deixando seu pai nervoso?

BERENICE – Mas não tem nada pra contar, mamãe. É só isso. Quer dizer, ele me convidou pra ir a uma boate hoje.

JEREMIAS – Ah, eu sabia. A safadeza não ia demorar a aparecer.

CLOTILDE – Boate é lugar de vagabunda, minha filha.

BERENICE – Que safadeza, papai. É um lugar como outro qualquer. Todo mundo vai.

JEREMIAS – Todo mundo que não presta.

CLOTILDE – Aquilo é um lugar de perdição.

BERENICE – Iiii! Como vocês são antiquados, meu Deus. Boate é um lugar chic. Só isso.

JEREMIAS – E você pensa que gente chic é o que?

CLOTILDE – São depravados, minha filha. Fique longe desses antros.

BERENICE – (*Rindo.*) Vocês têm graça.

JEREMIAS – Se é um lugar chic como é que esse rapaz te convidou pra ir lá? Ele por acaso é rico?

BERENICE – Não. Mas vai ficar. Ele tem muitos planos, papai.

JEREMIAS – E ele vai pagar a conta com os planos. Sei.

BERENICE – Não é isso, papai. A gente divide as despesas. Economizamos em outras coisas pra poder ir lá.

CLOTILDE – Que necessidade você tem de ir a esses lugares?

BERENICE – Porque lá é que estão as pessoas que a gente quer conhecer.

JEREMIAS – Os devassos.

BERENICE – Que devassos, papai. Gente que tem dinheiro, que sabe aproveitar a vida. Se a gente quer chegar até lá tem de ir se aproximando. Ver o que eles comem, como se vestem. Fazer amizade com eles. Diga-me com quem andas que te direi quem és.

JEREMIAS – (*Para CLOTILDE.*) Está vendo? Eles estão cheios de idéias.

CLOTILDE – Essa gente é esquecida de Deus, minha filha.

JEREMIAS – Pra mim é esse rapaz que meteu essas idéias na cabeça dela. Quem podia ser? Não foram as freiras do colégio.

CLOTILDE – Você já conhecia esse rapaz, Berenice?

BERENICE – Não, mamãe. Conheci ele agora.

JEREMIAS – E de onde saiu esse peralta? Quem me diz que não é um marginal, um depravado?

BERENICE – Eu digo. Ele tem ótimo conceito na companhia. Todo mundo gosta dele. É uma pessoa cheia de vida, cheia de esperança. Tem planos, tem visão, entende? Nasceu pra subir na vida.

JEREMIAS – Planos, esperança, visão. Isso tudo me cheira a patifaria.

CLOTILDE – Quais são as intenções dele com você?

BERENICE – Casar comigo. Só está esperando resolver um negócio.

JEREMIAS – Isso é que eu duvido.

CLOTILDE – Não vai atrás disso não, minha filha. Ele só está querendo se aproveitar de você.

BERENICE – Como é que vocês afirmam uma coisa dessas? Vocês nem conhecem ele.

JEREMIAS – Então traz ele aqui pra gente conhecer. Se for um homem de bem não vai se recusar. (*BERENICE fica confusa e volta a comer.*) Ah! Agora ela não responde. Eu sabia que tinha alguma coisa. Já há alguns dias que estou com esse pressentimento.

BERENICE – (*Irritada.*) O senhor não sabe de nada, papai.

JEREMIAS – Não. Não sei. Nisso você tem razão. Sou sempre o último a saber.

CLOTILDE – Conta tudo direitinho, menina. Não esconde as coisas do seu pai.

BERENICE – Não estou escondendo nada. Só acho que não faz nenhum sentido trazer ele aqui.

JEREMIAS – Por quê? Por acaso você tem vergonha de seus pais? (*Furioso.*) Você tenha respeito. Tudo que você é deve a nós.

BERENICE – Não é isso. Iiiii! Vocês não entendem nada.

CLOTILDE – É por causa da Mumu, não é?

JEREMIAS – É. Certamente ele é bom demais pra ela. Ou seja. É bom demais pra gente, Clotilde. É uma pessoa especial, cheia de planos, cheia de idéias... Enquanto nós não passamos de uns infelizes, uns pobres coitados a quem não se dá importância.

BERENICE – (*Exasperada.*) Não é nada disso. Pelo amor de Deus.

JEREMIAS – Então o que é? Por que você não pode trazer ele aqui? Se é um bom rapaz, trabalhador, como você diz...

CLOTILDE – Assim a gente pode formar uma opinião verdadeira, minha filha.

BERENICE – (*Gritando.*) Chega! Será que não se pode nem comer em paz?

(*Silêncio.*)

JEREMIAS – (*Para CLOTILDE.*) É assim que eles são. Está vendo? São cheios de idéias. (*Repentinamente, para BERENICE.*) Não grita com seu pai não. Que que você pensa que é?

CLOTILDE – Você não é diferente da gente não, minha filha.

JEREMIAS – Mumu também faz parte da sua vida. Quando mais você se revoltar, quanto mais se envergonhar, mais vai sofrer. Ouça o que seu pai está dizendo. Eu sei o que é o futuro.

BERENICE – (*Desesperada.*) Será que vocês não podem calar a boca nem um instante? Será que em tudo tem que se meter na minha vida? (*Levanta-se e sai furiosa pela esquerda.*)

CLOTILDE – Onde é que você vai? Acaba de comer, menina.

JEREMIAS – Deixa. Um dia ela vai se arrepender amargamente.

CLOTILDE – Mas não comeu nada. Aí. (*Aponta o prato de BERENICE.*) Deixou tudinho.

(*Pega o pedaço de galinha que estava no prato de BERENICE e põe no seu. Silêncio. Comem.*)

QUADRO IV

JEREMIAS, CLOTILDE, BERENICE, PEDRO.

- CLOTILDE *está costurando na máquina. JEREMIAS lê o jornal.*

JEREMIAS – (*Virando a página com raiva.*) Patifarias! Patifarias! (*Lê durante algum tempo.*) Que calvário! Que calvário que é a vida nesse mundo. (*Vira a página com raiva. Lê. Soa a campainha. Os dois têm um sobressalto e entreolham-se assustados. JEREMIAS consulta o relógio.*)

CLOTILDE – Quem será?

JEREMIAS – São quase dez horas.

CLOTILDE – É melhor não abrir.

(A campainha soa novamente.)

JEREMIAS – Mas a luz está acesa. A pessoa deve ter percebido. Que que vai pensar da gente? É melhor abrir. (*Encaminha-se para a porta da direita.*)

CLOTILDE – Toma cuidado.

(BERENICE aparece na esquerda e fica olhando. JEREMIAS entreabre a porta e olha para fora.)

JEREMIAS – Quem é?

PEDRO – (*Fora.*) Seu Jeremias?

JEREMIAS – (*Desconfiado.*) Sou eu mesmo. Quem é o senhor?

PEDRO – Sou o Pedro. (*BERENICE tem um sobressalto. CLOTILDE se levanta.*) A Berenice está?

BERENICE – (*Instintiva.*) Pedro!

PEDRO – (*Metendo a cara na porta.*) Berenice. (*Força a porta e entra.*) Preciso falar com você.

JEREMIAS – Um momento.

PEDRO – (*Para BERENICE.*) Não dava pra esperar até amanhã.

BERENICE – Mas já é...

JEREMIAS – (*Furioso.*) Um momento rapazinho...

PEDRO – (*Sem dar atenção a JEREMIAS.*) Tenho tanta coisa pra te contar.

JEREMIAS – (*Gritando.*) Rapazinho! Tenha respeito a um pai de família. Acho que o dono da casa ainda sou eu.

PEDRO – (*Voltando-se para ele.*) Desculpe, seu Jeremias. Não me leve a mal. É que estou meio aturdido mesmo. (*Pega a mão dele.*) Muito prazer em conhecê-lo. (*Volta-se para CLOTILDE e pega-lhe a mão.*) Dona Clotilde, meus respeitos. (*JEREMIAS e CLOTILDE estão sem ação.*) Desculpem invadir a casa a essa hora. Mas eu não posso esperar até amanhã. Tinha que falar com Berenice hoje.

BERENICE – (*Aflita.*) Esse é o Pedro, papai.

JEREMIAS – Já percebi.

PEDRO – (*Para JEREMIAS.*) Sei que o senhor deve estar desconfiado de mim. Mas vou me explicar.

JEREMIAS – Não quero nenhuma explicação sua. Não admito que ninguém invada minha casa a essa hora da noite.

BERENICE – Papai.

JEREMIAS – É isso mesmo. Você fique calada. Sua teimosia já nos trouxe bastante aborrecimentos.

CLOTILDE – Calma, Jeremias. Deixe o rapaz se explicar. Depois ele vai embora.

(*Silêncio.*)

JEREMIAS – Então se explica logo.

CLOTILDE – (*Para PEDRO.*) Senta um pouco.

PEDRO – Obrigado. (*Senta-se.*)

BERENICE – (*Para PEDRO.*) Deixa pra amanhã. Não estou passando bem.

PEDRO – Quando você souber do que se trata vai melhorar logo.

CLOTILDE – O senhor aceita um cafezinho com bolo?

PEDRO – Aceito sim senhora. Hoje não tive tempo nem de comer.

CLOTILDE – (*Faz sinal para que JEREMIAS se sente. Ele senta.*) Então vou buscar. (*Sai pela esquerda.*)

JEREMIAS – Antes de tudo quero que o senhor saiba que não aprovo de forma nenhuma essa sua amizade com minha filha.

PEDRO – O senhor está sendo injusto comigo, seu Jeremias. Mas não fico zangado não. Vou desfazer essa má impressão.

JEREMIAS – Sou um homem de bem. Um homem de respeito. E minha filha é uma moça decente.

PEDRO – Também sou um homem de bem, seu Jeremias. Minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.

JEREMIAS – Um homem de bem não invade uma casa de família sem ser convidado.

PEDRO – Aconteceu uma coisa muito importante, seu Jeremias. É isso que quero explicar.

JEREMIAS – Ademais já proibi minha filha de encontrar com o senhor.

BERENICE – *(Irritada.)* Espera aí, papai. *(Para PEDRO.)* Amanhã a gente conversa.

PEDRO – Calma. Eu me explico com seu Jeremias.

BERENICE – Não é isso.

JEREMIAS – Ela ainda é uma moça inexperiente. Ainda não sabe o que quer na vida.

(Entra CLOTILDE pela esquerda. Traz uma bandeja com bule, quatro xicrinhas e bolo. Coloca sobre a mesa, enche uma xícara e oferece a PEDRO. BERENICE está aflita. De vez em quando olha para a porta central. JEREMIAS está carrancudo.)

CLOTILDE – Já tem açúcar, viu.

PEDRO – *(Pegando a xícara.)* Obrigado.

CLOTILDE – *(Corta uma fatia de bolo e oferece a ele.)* Uma fatia de bolo. Fiz hoje de tarde.

(Ele pega e come. Ela enche as outras xícaras e vai servindo.)

PEDRO – Está delicioso. Só conheci uma pessoa que fazia bolo tão bem. Minha mãe.

CLOTILDE – *(Lisonjeada.)* Essa receita é muito boa.

JEREMIAS – Seus pais ainda vivem?

PEDRO – Não. Morreram há muito tempo. Desde os vinte anos que sou órfão.

JEREMIAS – *(Para CLOTILDE.)* Me dá um pedaço de bolo. *(Ela dá.)* Seu pai o que fazia?

PEDRO – Era bancário. Coitado. Uma vida inteira de trabalho e no fim morreu sem nada.

JEREMIAS – Já se vê que era um homem íntegro.

PEDRO – Mas pobre. Nunca teve visão na vida. Nunca ousou nada. Só podia ter aquele fim mesmo. Coitado.

JEREMIAS – Você devia ter mais respeito pela vida **de** seu pai. Tudo que você é deve a ele. Se ele morreu pobre é porque era um homem íntegro. Você devia se orgulhar disso.

PEDRO – Respeito muito a memória dele. Agora, me orgulhar do seu fracasso, isso não.

JEREMIAS – *(Para CLOTILDE.)* Está vendo só? A integridade pra ele quer dizer fracasso. *(Para PEDRO.)* Quem é você pra acusar seu pai de fracassado? Que que você conhece da vida? Fracasso! É o que eu te digo, Clotilde. Eles são cheias de idéias.

PEDRO – De idéias, sim, seu Jeremias. São essas idéias que nutrem minha esperança. Essas idéias me dão a certeza de que minha vida vai ser diferente da do meu pai. E atualmente tenho muito mais certeza disso. *(Para BERENICE.)* É o que eu vim aqui pra te contar. Eu sabia que ia dar certo. Imagina que aquele meu primo que eu te falei que tinha aberto uma empresa no Paraguai me chamou pra trabalhar com ele. E não é como empregado não. Vou ser sócio da firma. Já pensou, Berenice? Nosso futuro está garantido. Amanhã viajo pra lá. É minha oportunidade. Vou ficar rico. Acabou-se essa vidinha sem futuro. *(Para JEREMIAS.)* Tenho idéias, tenho planos, seu Jeremias. Meu pai durante a vida inteira só teve princípios, moral. Na verdade o que aconteceu é que pisaram na cabeça dele. Não passou de um bobo. Comigo não. Vou domar a vida. *(Para BERENICE.)* E você vai comigo, Berenice.

JEREMIAS – Pelo que sei esta moça ainda tem um pai, a quem deve respeito e obediência.

BERENICE – Deixa que eu resolvo os meus problemas, tá, papai.

JEREMIAS – Os seus problemas são meus problemas. Você é minha filha. Me deve tudo o que é.

PEDRO – Calma, seu Jeremias. Não estou querendo passar por cima da autoridade do senhor. Sou uma pessoa de bem. Vim aqui justamente pra me apresentar ao senhor.

(Ouve-se um mugido. PEDRO olha para os lados, intrigado. CLOTILDE e JEREMIAS trocam um olhar maldoso. BERENICE está lívida.)

PEDRO – Que foi isso?

BERENICE – *(Aflita.)* Nada. É a **caixa-d'água** que às vezes faz esse barulho.

PEDRO – Estranho.

BERENICE – Deixa essa conversa pra depois, por favor.

PEDRO – Mas é o nosso futuro, Berenice. Amanhã vou viajar. Temos que combinar tudo hoje. *(Ouve-se outro mugido.)* Espera aí. Isso não é **caixa-d'água**. É um mugido.

BERENICE – *(Exasperada.)* Vai embora, por favor.

PEDRO – Calma. O que que está acontecendo com você, Berenice? *(Ouve-se outro mugido.)* Mas que diabo é isso? Tem uma vaca aqui dentro.

JEREMIAS – Exatamente, rapazinho. Uma vaca.

PEDRO – *(Perplexo.)* Vocês moram com uma vaca dentro de casa?

JEREMIAS – O que nos dá motivo de muito orgulho.

PEDRO – (*Rindo.*) Mas Berenice... Isso é ridículo. É a coisa mais ridícula que eu já vi na minha vida. (*Dá gargalhadas.*) Uma vaca.

(*BERENICE cai em prantos.*)

JEREMIAS – (*Apoplético.*) O senhor respeite esta casa. Sua atitude é de um escárnio intolerável. Ponha-se daqui pra fora. O senhor nunca mais verá minha filha.

PEDRO – Isso não. Berenice, você é diferente. Você não tem nada com isso. Deixa essa casa agora mesmo. Isso é loucura. Ninguém pode viver assim. Aqui não há esperança. Vem. Eu tenho a vida. Tenho o futuro. Você não deve nada a eles.

JEREMIAS – (*Para BERENICE.*) Vá para o seu quarto e não saia de lá.

PEDRO – Pega suas coisas e vamos embora.

CLOTILDE – Obedeça a seu pai, menina.

PEDRO – Obedeça a seus sentimentos.

JEREMIAS – Faça o que eu mandei.

BERENICE – Eu vou com ele. Não agüento mais isso aqui.

JEREMIAS – Não se atreva.

CLOTILDE – É o caminho da perdição, minha filha.

PEDRO – (*Para BERENICE.*) Rápido. (*CLOTILDE e JEREMIAS tentam impedi-la mas PEDRO se interpõe. BERENICE sai apressada pela esquerda.*) Não tentem impedi-la.

JEREMIAS – Um dia você vai se arrepender amargamente do que está fazendo.

PEDRO – Eu vou vencer. Não vou ser igual ao senhor.

JEREMIAS – Patife.

(*Silêncio. PEDRO impede a passagem deles para o interior.*)

PEDRO – Vocês e essa vaca ridícula. Como eu odeio isso tudo. Como me dá nojo.

JEREMIAS – Você não é diferente da gente, rapaz. Conheço a vida e sei o que estou falando.

PEDRO – Isso é o que veremos. (*Entra BERENICE pela esquerda com uma mala.*) Pronta?

BERENICE – Vamos.

JEREMIAS – Se sair, nunca mais ponha os pés aqui.

PEDRO – Não se preocupe.

*(Saem pela direita e batem a porta. JEREMIAS está ofegante, como se fosse ter um ataque.
CLOTILDE o ampara e conduz até a poltrona.)*

JEREMIAS – Que calvário. Que calvário.

CLOTILDE – Está sentindo alguma coisa? *(Ele não responde.)* Vou buscar um chazinho. *(Sai pela esquerda.)*

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO – QUADRO V

CLOTILDE, BERENICE, PEDRO.

- CLOTILDE costura na máquina. Está bem mais velha e se veste de preto. Soa a campainha. Ela ergue a cabeça, abaixa os óculos, olha intrigada para a porta e levanta-se. Abre a porta e leva um susto.

CLOTILDE – Você?

BERENICE – *(Fora.)* Sou eu mamãe.

(CLOTILDE fica meneando a cabeça, absorta.)

BERENICE – *(Tímida.)* Posso entrar?

CLOTILDE – *(Atrapalhada.)* Pode. Entra. Claro.

(BERENICE entra. Usa óculos como os da mãe e está bem envelhecida. Examina toda a sala e volta-se para a mãe, que fecha a porta. As duas se contemplam longamente.)

CLOTILDE – É você mesmo?

BERENICE – Sou eu, mamãe.

CLOTILDE – Já faz tanto tempo.

BERENICE – Dez anos.

CLOTILDE – Uma vida.

(Silêncio.)

BERENICE – A senhora está bem?

CLOTILDE – Como você vê. Vai-se indo. A cruz está cada vez mais pesada. Mas graças a Deus ainda posso carregar.

BERENICE – E papai?

CLOTILDE – *(Abaixando os olhos e contraindo o rosto. Com voz embargada.)* Seu pai morreu, minha filha. Já faz muitos anos.

BERENICE – *(Contraindo o rosto e abraçando a mãe.)* Morreu?

CLOTILDE – *(Chorando.)* Coitado. Nunca deixou de falar em você. Sempre tinha a esperança de que você ia voltar.

(As duas choram.)

BERENICE – Me perdoa, mamãe.

CLOTILDE – (*Puxando-a em direção à mesa.*) Vem sentar. (*Sentam-se.*) Quer comer uma coisinha?

BERENICE – Depois. Conta como foi.

CLOTILDE – (*Voltando a chorar.*) Morreu como um passarinho. Parecia que estava dormindo. O rosto tão sereno. Naquele dia ele chegou em casa e me disse: hoje estou sentindo uma tristeza tão estranha. Acho que vai acontecer alguma coisa ruim. Parecia que estava adivinhando. Depois do jantar sentou no sofá pra descansar um pouco. Eu fui costurar. Quando olhei pra trás parecia que ele estava dormindo. Mas achei estranho. Estava muito quietinho. Chamei: Jeremias, Jeremias. Não respondeu. Já estava morto. (*As duas choram.*) Ele ia se aposentar no fim daquele ano. Estava tão contente. Só falava nisso. (*Pausa.*) E você, filhinha? Porque nunca mandou notícias? Seu pai teria ficado tão feliz.

BERENICE – É a vida, mãe. Acontece tanta coisa.

CLOTILDE – Você casou com aquele rapaz?

BERENICE – Casei.

CLOTILDE – E os filhos?

BERENICE – (*Chorando.*) Só tivemos um. Mas morreu. Nasceu tão fraquinho.

CLOTILDE – Pobrezinho. E seu marido, onde está?

BERENICE – Pedro está esperando lá fora.

CLOTILDE – Porque não entrou?

BERENICE – Achamos melhor eu vir na frente. A gente não sabia como é que vocês estavam.

CLOTILDE – Então manda ele entrar. Coitado. Ficar lá fora com esse frio.

BERENICE – Antes tem uma coisa que eu queria contar pra senhora. (*Escondendo o rosto entre as mãos.*) É tão difícil.

CLOTILDE – Fala, minha filha. A vida não me surpreende mais não.

BERENICE – Estamos numa situação muito difícil, mamãe. Pedro está desempregado há vários meses. Não conseguia arranjar mais nada. Por isso que nós voltamos. Aqui tem um senhor que foi amigo do pai dele e que prometeu arranjar um emprego.

CLOTILDE – E a firma que ele ia ser sócio?

BERENICE – Não deu em nada. Faliu oito meses depois. Ele ainda tentou abrir outros negócios. Mas nada deu certo. (*Pausa.*) As coisas têm sido muito difíceis pra gente, mamãe. Eu queria pedir pra gente ficar aqui até acertar a vida.

CLOTILDE – É claro que pode, filhinha. Tem tanto lugar. E vai ser muito bom pra mim. Tenho vivido tão sozinha. Vocês podem ficar pra sempre. Um dia a casa vai ser sua mesmo.

BERENICE – Você é tão boa, mamãe. Como eu me arrependo do que fiz.

CLOTILDE – Não tem importância, filhinha. Deus escreve certo por linhas tortas. Agora vai chamar seu marido enquanto eu preparo uma coisinha pra vocês comerem.

BERENICE – *(Levantando-se.)* Obrigado, mamãe.

(Sai pela direita. CLOTILDE fica arrumando a mesa para o lanche. Estende uma toalha, põe xícaras, colheres, açucareiro, etc. Depois sai pela esquerda. Entram BERENICE e PEDRO pela direita. PEDRO está bastante envelhecido. Traz duas malas que deposita no chão.)

PEDRO – *(Examinando a sala.)* Ainda está tudo nos mesmos lugares.

BERENICE – É bom voltar pra aqui. Me sinto segura, não sei.

PEDRO – Cadê sua mãe?

BERENICE – *(Alto.)* Mamãe!

CLOTILDE – *(Fora.)* Um instantinho.

PEDRO – É bom estar de volta. Aqui as coisas vão dar certo.

(Entra CLOTILDE pela esquerda enxugando as mãos no avental.)

CLOTILDE – Como vai, Pedro?

PEDRO – *(Abraçando-a.)* Dona Clotilde. Há quanto tempo. *(Afasta-a e contempla-a.)* A senhora não mudou nada.

CLOTILDE – Bondade sua. Não é o que o espelho me diz quando eu acordo.

PEDRO – O espelho é mentiroso. Ele não reflete o espírito. *(Sorri, satisfeito consigo próprio.)*

CLOTILDE – Conversa fiada. Mas sentem que vou trazer o lanche.

BERENICE – Deixa que eu ajudo a senhora.

CLOTILDE – Não precisa. Senta aí. Já está tudo pronto. *(BERENICE e PEDRO sentam-se. Encaminhando-se para a esquerda.)* Tem um pedacinho de bolo, pão, manteiga, umas rabanadas que eu fiz domingo e ainda estão aí. *(Sai.)*

PEDRO – Acho que ela não guardou mágoa não.

BERENICE – Não é boa demais pra isso.

PEDRO – A gente tem de fazer tudo pra agradar a ela. Coitada. Já está tão velhinha.

CLOTILDE – *(Entrando com uma bandeja onde há tudo que foi mencionado além de um bule de café.)* Encontrei um vidrinho de geléia de morango também. Nem me lembrava que tinha isso. *(Coloca a bandeja sobre a mesa.)*

BERENICE – Deixa que eu sirvo.

CLOTILDE – Está bem. *(Senta-se. BERENICE serve o café e os três comem e bebem. Enrolando-se mais no xale.)* Tem feito tanto frio ultimamente. Nunca vi isso nessa época do ano.

PEDRO – O inverno veio mais cedo do que se esperava.

CLOTILDE – É verdade. *(Pausa.)* Então vai trabalhar de novo aqui?

PEDRO – A gente sempre volta um dia, dona Clotilde. Acho que a vida é um círculo. A gente pensa que está se afastando de um ponto e nunca faz mais do que voltar pra ele.

CLOTILDE – É verdade. Jeremias costumava dizer que as coisas são como um iô-iô. Vão lá embaixo e voltam.

PEDRO – *(Pensativo.)* Seu Jeremias. Queria que ele ainda estivesse aqui pra pedir perdão. Ele conhecia a vida. Um calvário.

CLOTILDE – Em algum lugar ele há de estar ouvindo isso. E deve estar feliz.

(Silêncio. Comem.)

PEDRO – Tenho dado muita cabeçada, dona Clotilde. Quando a gente é jovem pensa que as coisas são fáceis. Imagina que as pessoas são boas e honestas. Nos livros a gente sempre se identifica com o personagem vencedor. Mas na verdade os homens são uns patifes. Os livros não passam de mentiras pra enganar os bobos. *(Pausa.)* Não tenho mais ilusões não, dona Clotilde.

(Silêncio.)

BERENICE – Pedro vai trabalhar num banco. Acho que será melhor pra gente. É um emprego mais seguro. Pelo menos no fim do mês o ordenado é certo.

CLOTILDE – A segurança vale mais que tudo nessa vida. Jeremias sempre dizia que mais vale um pássaro na mão que dois voando.

BERENICE – Ele tinha experiência.

(Silêncio.)

PEDRO – *(Animado.)* Mas agora vai ser diferente. Me dei mal mas adquiri muita experiência nesses anos. Coisa que os bancários geralmente não têm. Sempre naquela vidinha. Por isso acredito que vou me dar muito bem. Conheço o mundo dos negócios por dentro. Tenho visão das coisas. *(Pausa.)* O doutor Ataíde – esse senhor que vai me empregar – foi chefe do meu pai. A senhora imagina. Tinha muito respeito por ele. Tenho certeza que vai me ajudar. Compensar aquilo que ele não fez por meu pai.

BERENICE – *(Para CLOTILDE.)* Ele disse que há muitas possibilidades de subir na carreira.

PEDRO – Vou subir num instante. Em um ano sou chefe de seção. Ninguém ali tem a **cancha** que eu tenho. *(Pausa.)* Não digo nada não, hein. Mas em dois anos é capaz de eu já ser gerente.

CLOTILDE – Deus te ouça, meu filho.

BERENICE – Seria uma recompensa pra todo esse sofrimento que a gente tem tido.

(Silêncio.)

PEDRO – Levei muitas rasteiras, dona Clotilde. Gente que se dizia amiga de unha e sangue me fez das piores. *(Pausa.)* As coisas poderiam ter sido diferentes se eu não me tivesse metido com gente tão ordinária. Todos uns patifes.

CLOTILDE – O mundo é assim mesmo, meu filho. Jeremias sempre dizia: o homem é o lobo do homem.

PEDRO – Deus o tenha.

CLOTILDE – Amém.

BERENICE – Era um santo.

(Silêncio. Ouve-se um mugido. PEDRO se sobressalta e vira-se lentamente para a porta central.)

PEDRO – *(Admirado.)* Ela ainda está aqui?

CLOTILDE – Onde poderia estar? Aqui é a casa dela, graças a Deus. Que seria de nós sem ela?

BERENICE – *(Apreensiva.)* Mas isso não tem importância, não é Pedro?

PEDRO – *(Pensativo.)* Engraçado. Tinha me esquecido inteiramente dela.

BERENICE – Nós mudamos muito, mamãe. Quando a gente é jovem é muito orgulhoso. Mas depois...

PEDRO – *(Para si mesmo.)* A vaca, meu Deus. Nunca mais pensei nisso. *(Fecha os olhos e esfrega a testa com a mão, longamente. BERENICE acompanha-lhe os movimentos, aflita.)* Estou querendo me lembrar o que eu pensava disso há dez anos atrás.

BERENICE – Isso não tem mais importância, Pedro.

CLOTILDE – *(Com uma ponta de sarcasmo.)* Eu me lembro direitinho o que você falou.

PEDRO – Diga.

BERENICE – Isso é coisa do passado. Pra que relembrar?

PEDRO – *(Para CLOTILDE.)* Diga.

CLOTILDE – Você achou a coisa mais ridícula que já tinha visto na sua vida.

BERENICE – Isso foi há dez anos atrás, mamãe.

CLOTILDE – *(Amarga.)* Há mágoas que nem dez anos curam, minha filha.

(BERENICE abaixa a cabeça. Silêncio.)

BERENICE – Nós aprendemos nossa lição, mãe.

PEDRO – *(Pensativo.)* Ridículo... Naquele tempo eu achava muita coisa ridícula.

CLOTILDE – E hoje?

PEDRO – Aprendi muito.

BERENICE – *(Para CLOTILDE.)* Está vendo? Não haverá mais problemas.

CLOTILDE – Eu sei. Jeremias sempre dizia que todos os rios correm para o mar. *(Pausa.)* Mas vamos pensar na vida, que já é tarde. Vocês ficam com a minha cama. Eu fico com a pequena.

BERENICE – Não, mamãe. Não há necessidade.

CLOTILDE – Há sim. Pra que que eu preciso duma cama de casal? Fiquem vocês com ela.

BERENICE – Não queremos dar amolação, mamãe.

CLOTILDE – Amolação nenhuma. A casa é de vocês. Vou arrumando enquanto vocês acabam de comer.

(Levanta-se e sai pela esquerda. PEDRO está absorto.)

BERENICE – Esquece isso. Nós não temos mais condições de ter orgulho.

PEDRO – Não é orgulho. Isso vai atrapalhar meus planos. Ninguém pode subir na vida com uma vaca dentro de casa.

BERENICE – Deixa essas ilusões de lado, Pedro. Não bastou tudo que passamos? Você tendo um emprego fixo pra mim já é o bastante.

PEDRO – Mas pra mim não é. *(Pausa.)* Assim que eu conseguir uma promoção a gente se muda.

(BERENICE sacode a cabeça, levanta-se e sai pela esquerda. PEDRO continua pensativo, comendo.)

QUADRO VI

PEDRO, BERENICE, CLOTILDE, ATAÍDE.

- *A mesa está posta, com uma vistosa toalha, para quatro pessoas. PEDRO caminha de um lado para outro, agitado. BERENICE está sentada à mesa com a cabeça recostada na mão, desanimada. CLOTILDE cochila numa poltrona. Os três estão em trajés de ocasião especial.*

PEDRO – *(Abaixa-se e pega no chão um pedaço de papel ou barbante. Mostrando para BERENICE.)* Olha que desleixo.

(Ela faz um gesto de enfado. Sem saber onde jogar ele enfia num bolso do paletó. Silêncio.)

BERENICE – Acho melhor a gente jantar logo. Ele não vem não.

PEDRO – Vem. Me garantiu que vinha.

BERENICE – São quase dez horas, Pedro. Mamãe já até dormiu.

PEDRO – Vamos esperar mais vinte minutos. Falei com ele hoje de tarde. Ele confirmou que vinha. É uma pessoa de caráter. Não vai fazer uma desfeita dessas.

(Silêncio.)

BERENICE – Não sei pra que que você convidou esse homem pra jantar aqui.

PEDRO – *(Irritado.)* Já te expliquei mil vezes. É meu chefe. Quero me tornar mais amigo dele. É o único jeito de conseguir promoção.

BERENICE – Mas precisava ser aqui? Você sabe muito bem os problemas que a gente tem. Tomara que não venha mesmo.

PEDRO – Não fala isso. É muito importante pra mim. Já estou há três anos naquele banco e não tive nenhuma promoção. Que que você quer que eu faça?

BERENICE – *(Aflita.)* Não vai dar certo, Pedro. Se ele não vier a gente deve agradecer a Deus.

PEDRO – Ele tem que vir. Há seis meses que eu convido. Fica calma. Se a gente fizer tudo direitinho, não se afobar *(Olha para a porta central.)*, não vai ter problema.

(Silêncio. Soa a campainha. Os dois ficam afobados. BERENICE corre até a poltrona e sacode a mãe, que acorda assustada. PEDRO vai abrir a porta da direita.)

PEDRO – *(Abrindo.)* Doutor Ataíde.

ATAÍDE – *(Entrando.)* Estou atrasado?

PEDRO – Absolutamente. *(Fecha a porta. Vindo para o centro da sala.)* Costumamos jantar tarde mesmo. *(As mulheres se levantam. Indicando BERENICE.)* Esta é minha esposa. *(Para BERENICE.)* Doutor Ataíde.

BERENICE – *(Estendendo a mão.)* Muito prazer.

ATAÍDE – *(Apertando-lhe a mão.)* Encantado.

PEDRO – *(Para ATAÍDE.)* Minha sogra. *(CLOTILDE estende a mão e sorri.)*

ATAÍDE – *(Apertando-lhe a mão.)* Encantado.

PEDRO – Um pouco frio hoje, não é?

ATAÍDE – Muito. Uma noite boa para se ficar em casa.

PEDRO – Mas vamos sentar. *(Sentam-se nas poltronas.)*

ATAÍDE – *(Examinando a casa, para PEDRO.)* Mora aqui há muito tempo?

PEDRO – Desde que voltamos à cidade. Mas dona Clotilde já está aqui há...

CLOTILDE – Há mais de trinta e cinco anos.

ATAÍDE – É uma vida.

BERENICE – *(Para ATAÍDE.)* O senhor quer um vinho do porto?

ATAÍDE – Aceito. *(BERENICE levanta-se e sai pela esquerda.)* O mal desse lugar é que fica muito longe do centro.

PEDRO – Atualmente tem muita condução.

ATAÍDE – Mesmo assim é fora de mão.

CLOTILDE – *(Olhando fixamente para ATAÍDE.)* Estou tão impressionada com uma coisa.

PEDRO – Que é?

ATAÍDE – Pelo jeito de olhar é comigo.

CLOTILDE – É. Desde que o senhor entrou me deu essa impressão.

ATAÍDE – Já sei. Me achou parecido com alguém.

CLOTILDE – É. Como é que o senhor adivinhou?

(Entra BERENICE pela esquerda com um cálice de vinho na bandeja. Oferece a ATAÍDE.)

ATAÍDE – Sou um bom psicólogo. *(Pegando o cálice, para BERENICE.)* Obrigado.

CLOTILDE – O senhor se parece tanto com meu falecido marido.

ATAÍDE – Verdade?

BERENICE – Também achei.

CLOTILDE – Não é? Levei até um susto quando ele entrou. Pedro nunca tinha falado nisso. (*Para PEDRO.*) Você não acha parecido?

PEDRO – Acho. Todos os homens de bem são parecidos. (*ATAÍDE olha-o com o canto dos olhos, desconfiado.*)

ATAÍDE – Como se chamava seu marido?

CLOTILDE – Jeremias. Trabalhava no Departamento Urbano.

ATAÍDE – Talvez eu o tenha conhecido. Assim de cabeça não me lembro.

PEDRO – O senhor quer jantar agora ou prefere...

ATAÍDE – Podemos jantar.

BERENICE – Então vou servir. (*Sai pela esquerda.*)

CLOTILDE – (*Mostrando o medalhão que traz no peito.*) Olha aqui o retrato dele.

ATAÍDE – (*Aproximando-se.*) É. Acho que me lembro. Mas já faz muito tempo.

CLOTILDE – Ele morreu vai fazer seis anos mês que vem. (*Consternada.*) Ia se aposentar naquele ano. Parecia que estava tão bem.

ATAÍDE – A doença é assim mesmo. Vem quando menos se espera.

CLOTILDE – O senhor acredita que ele morreu dormindo. Acho que nem percebeu que estava morrendo.

ATAÍDE – Igual a meu pai. Acabou de almoçar e foi descansar um pouco. Quando se viu estava morto. Sem um grito. Sem um ai.

CLOTILDE – Ele estava sentado aqui onde eu estou e eu estava na máquina. Pois não ouvi nada. Se não tivesse olhado por acaso não tinha percebido.

BERENICE – (*Entrando com uma terrina.*) Já vai pra mesa.

PEDRO – Vamos passar, doutor Ataíde.

ATAÍDE – (*Vira o cálice de vinho.*) Vamos.

(*Levantam-se e vão sentar-se à mesa.*)

BERENICE – Não sei se o senhor gosta de canja de galinha.

ATAÍDE – Na minha idade come-se de tudo.

BERENICE – *(Pegando o prato dele.)* Vamos ver se o senhor vai gostar do meu tempero.

ATAÍDE – Certamente.

BERENICE – *(Servindo.)* Está bom assim?

(Ele concorda com a cabeça. Ela serve os outros.)

PEDRO – Doutor Ataíde conheceu muito meu pai, dona Clotilde.

CLOTILDE – *(Sorrindo para ATAÍDE.)* Sim senhor.

ATAÍDE – *(Tomando a sopa.)* Trabalhou comigo durante quase dez anos. Homem de caráter estava ali. Trabalhou até o último dia de sua vida. Saiu do banco pra morrer em casa.

CLOTILDE – Homens assim há poucos hoje em dia.

ATAÍDE – Muito poucos. É aquele tipo de empregado de que uma empresa não pode prescindir: abnegado e desinteressado.

PEDRO – Lá isso ele era.

ATAÍDE – Só se preocupava em fazer bem o seu trabalho. Isso é que é importante. É aí que o homem mostra o seu valor. *(Pausa.)* Hoje em dia a maior parte dos funcionários só está atrás de promoção. Tudo que fazem é visando aparecer. Os chefes, é claro, percebem isso. Daí haver tantas demissões.

(Silêncio. Comem.)

BERENICE – Está bom de sal, doutor Ataíde?

ATAÍDE – Está bom.

PEDRO – Eu acho que promoção é um problema de capacidade. Os chefes vêm aqueles que são mais inteligentes, que são mais dedicados. Acho que devem contar também a experiência anterior. Às vezes o sujeito é dedicado mas não tem nenhuma visão. Não conhece o mundo. Sei disso porque já tive firmas minhas. Quer dizer. Conheço os negócios por dentro.

CLOTILDE – Pra mim o mais importante é o caráter. Jeremias sempre dizia que um homem se conhece pela família que tem.

BERENICE – Um bom chefe de família é sempre um bom chefe no trabalho.

ATAÍDE – É verdade. Mas eu não aconselharia ninguém a querer ser chefe. Só dá amolação. O funcionário subalterno não. Faz o seu trabalho e vai pra casa. Sua responsabilidade termina aí. *(Pausa.)* E depois tem as intrigas. Um verdadeiro inferno.

CLOTILDE – Jeremias sempre dizia que o maior peso que um homem pode carregar é a responsabilidade.

ATAÍDE – Pois então. *(Pausa.)* Mas a vida familiar do funcionário também é importante, quando se pensa em promovê-lo. Ser bom chefe de família já é uma porta aberta.

(PEDRO olha satisfeito para as duas. Silêncio. Ouve-se um mugido. PEDRO e BERENICE ficam aterrorizados. ATAÍDE olha para os lados, intrigado.)

ATAÍDE – Que foi isso?

PEDRO – *(Nervoso.)* Não é nada. Não se preocupe. O cano de água de vez em quando faz uns barulhos esquisitos.

ATAÍDE – Parecia um mugido.

PEDRO – *(Rindo.)* Um mugido. É. O senhor notou bem. *(Para as mulheres.)* Parece mesmo, não é?

(BERENICE ri. CLOTILDE está séria.)

BERENICE – A gente precisa mandar consertar isso.

ATAÍDE – De madrugada pode dar um susto dos diabos.

CLOTILDE – Estamos acostumados.

(Começa-se a ouvir um novo mugido. PEDRO levanta-se e fala alto para encobrir.)

PEDRO – Já contei pro senhor o que que aconteceu comigo numa fazenda? É muito engraçado. *(Ri. BERENICE acompanha, ao mesmo tempo que arrasta a cadeira, mexe na louça, etc. Ouvem-se novos mugidos que PEDRO tenta encobrir com seus próprios mugidos.)* Fui passear no pasto e Muuu! Saiu um boi atrás de mim Muuu! *(Corre pela sala, ora de pé, ora de quatro. ATAÍDE olha assustado.)* E eu na frente, pula daqui, pula dali, Muuuu! E o boi atrás de mim Muuu! Eu gritava Muuu! Me acudam, me acudam! Muuuu! E o boi não parava Muuuu! Atrás de mim Muuu!

BERENICE – Conta a cerca que você pulou.

PEDRO – Aí tinha uma cerca na frente e o Muuuu! O boi atrás de mim Muuuu! Não tive dúvida *(Salta sobre a poltrona e cai no chão.)* Muuuu! Pulei a cerca. Muuu! *(Levanta-se mas suas calças caem, ele tropeça e cai outra vez.)* Ai.

BERENICE – O boi veio atrás Muuu!

ATAÍDE – *(Levantando-se, assustado.)* Tenho que ir embora. Boa noite para todos. *(Encaminha-se para a direita.)*

PEDRO – *(Desesperado.)* Espera aí, doutor Ataíde.

BERENICE – Isso é uma brincadeira. Não se assuste não.

ATAÍDE – Mas eu tenho que ir mesmo. Estou atrasado.

PEDRO – (*Levanta-se segurando as calças.*) Desculpe, doutor. Foi só uma brincadeira. Vamos sentar.

(*Ouve-se um mugido.*)

ATAÍDE – Não, Pedro. Vou embora. (*Abre a porta. PEDRO tenta segurá-lo. Ele o afasta com rispidez.*) Todo mundo tem seus problemas, Pedro. O segredo da vida consiste justamente em saber escondê-los.

(*Sai e bate a porta. PEDRO deixa-se cair na poltrona, arrasado. BERENICE senta-se à mesa, cabisbaixa. CLOTILDE volta a comer.*)

QUADRO VII

CLOTILDE, BERENICE, PEDRO.

- CLOTILDE *enxuga pratos e talheres e arruma-os cuidadosamente sobre a mesa, que está guarnecida com a mesma toalha branca de renda do quadro III.*

BERENICE – *(Entrando pela esquerda com o mesmo vaso de flores do quadro III. Mostrando-o.)*
Ficou bonito?

CLOTILDE – Lindo.

BERENICE – *(Colocando-o no centro da mesa.)* Tem tanto copo-de-leite nessa época. A terra aqui é muito boa. *(Juntando as mãos e olhando, satisfeita.)* Fica tão bem com essa toalha.

CLOTILDE – Coisa boa está aí. Ganhei no dia do meu casamento. Ainda está perfeitinha.

BERENICE – É que a senhora toma cuidado.

CLOTILDE – Essa vida já tem tão pouca coisa bonita que se a gente não toma cuidado fica sem nada.

BERENICE – *(Farejando.)* Hum! Está sentindo?

CLOTILDE – O cheirinho da galinha. *(Pausa.)* Quem diria? Você hoje cozinha melhor do que eu.

BERENICE – É que a senhora não tem mais paciência. Senão...

CLOTILDE – Deve estar uma delícia. Já estou com uma fome.

BERENICE – Pedro está demorando tanto hoje.

CLOTILDE – Está pegando as mesmas manias do seu pai.

BERENICE – A voltinha de domingo antes do almoço.

CLOTILDE – Coitado. Ele também tem o direito de se distrair um pouquinho.

(Silêncio. BERENICE retoca detalhes da arrumação.)

BERENICE – Ele anda tão desanimado. É essa situação no banco. Doutor Ataíde tem se mostrado um patife dos piores. Imagina que Pedro descobriu que ele tem uma amante.

CLOTILDE – Não diga. Velho daquele jeito. Sem-vergonha.

BERENICE – Disse que ele dá presentes caríssimos a ela. E assim abertamente. Disse que ela chega lá e vai entrando na sala dele, como se fosse dona do banco.

CLOTILDE – Que escândalo, meu Deus.

BERENICE – Depois que passou a gerente deu pra isso. A senhora vê.

CLOTILDE – E a mulher dele?

BERENICE – Parece que também não fica atrás não. A dona Eulália tem uma cunhada que costura pra ela. Diz que assim que o marido sai pro trabalho ela corre pro telefone. Depois se emboneca toda e vai pra rua. Só volta um pouco antes do marido chegar. Onde vai ninguém sabe.

CLOTILDE – Pode-se imaginar. Que coisa, meu Deus. Será que essa gente não tem medo do castigo?

BERENICE – Diz que as roupas que ela manda fazer são uma vergonha. É o mesmo que estar nua. Gasta uma fortuna nisso. Muda dois três vestidos por dia.

CLOTILDE – É por essas e outras que eu acho até bom que o Pedro não tenha sido promovido. Jeremias sempre dizia que só sobe quem se mete em patifarias.

BERENICE – Mas ele já está lá há cinco anos, né, mamãe. Merecia.

CLOTILDE – Há males que vêm **pra bem**, minha filha. Deus sabe o que está fazendo.

BERENICE – Só sei que ele anda muito nervoso. *(Senta-se à mesa. Pausa.)* Uma vida inteira de trabalho e não temos nem uma reserva pra uma necessidade, um caso de doença. Ninguém está livre disso.

CLOTILDE – Não é tão grave assim. Eu tenho uma economiazinha no banco justamente pra essa eventualidade. Desde mocinha que eu ajunto esse dinheiro. Além disso, quando vier o pior já estamos garantidos. Jeremias era um homem muito precavido. Passou cinco anos comprando um túmulo a prestação. Mas hoje está num cantinho que é seu. Isso é que vale. Lá tem lugar pra nós todos, graças a Deus.

(Ouve-se o ruído da chave rodando na fechadura.)

BERENICE – Olha ele aí.

PEDRO – *(Entrando pela direita.)* Vocês estão aí? *(Está visivelmente mais envelhecido.)*

BERENICE – Já chegou?

CLOTILDE – Que tal o passeio?

PEDRO – *(Fecha a porta. Tirando o paletó.)* Fui ao cemitério. Lembrei que seu Jeremias sempre ia lá aos domingos. Ele tinha razão. A gente se sente bem naquela paz, naquele silêncio. Pelo menos não se vê nenhuma patifaria. *(Senta-se à mesa.)*

BERENICE – Você demorou tanto. Mamãe já estava morta de fome.

PEDRO – Ora. Pode pôr. Já cheguei.

CLOTILDE – Não é tanto assim. Deixa ele descansar um pouco.

PEDRO – Não, pode pôr. Também estou com fome. (*Esfregando as mãos, animado.*) Esse cheirinho de galinha não me aconselha a esperar não.

BERENICE – (*Levanta-se.*) Então vou servir.

CLOTILDE – Eu te ajudo.

BERENICE – Não precisa. Deixa que eu trago (*Sai.*)

PEDRO – Senta, dona Clotilde. Berenice traz. (*Ela senta-se. Silêncio.*) É um calvário, dona Clotilde. É um calvário. (*Pausa.*) Fui ver a sepultura do seu Jeremias. Tirei um pouquinho de limo que tinha dos lados e troquei as flores.

CLOTILDE – Pois é. Essa semana não tive tempo de ir lá. É tanta coisa. Já estou velha. Não dou mais conta não.

(*Silêncio.*)

PEDRO – A senhora precisa se cuidar mais.

CLOTILDE – Você também. Está muito cansado. Depois de uma certa idade a gente não pode mais fazer determinadas coisas não.

BERENICE – (*Entrando pela esquerda com uma terrina que coloca sobre a mesa.*) Não sei se está bom de sal. Pedro sempre fala que está insosso. Hoje pus bastante sal. Vamos ver se ele vai falar.

PEDRO – Se eu falo é porque é verdade. (*Estende o prato e ela serve.*)

BERENICE – Você gosta muito de reclamar. Eu te conheço. (*Para CLOTILDE.*) A senhora quer coxa ou peito?

CLOTILDE – Coxa.

(*BERENICE serve e depois serve a si própria. Silêncio. Comem.*)

BERENICE – (*Para PEDRO.*) Está bom?

PEDRO – (*Mastigando.*) Mais ou menos.

CLOTILDE – (*Mastigando.*) Está muito gostoso, minha filha.

BERENICE – (*Mastigando.*) Está bom de sal?

CLOTILDE – Pra mim está.

(*Silêncio. Comem.*)

PEDRO – Hoje vi o enterro de um autor de teatro. Esse tal de... Como é mesmo? Marcílio. Marcílio Moraes.

BERENICE – Tinha muita gente?

PEDRO – Nada. Meia dúzia de gatos pingados.

CLOTILDE – Mas ele era bem conhecido, não é?

PEDRO – Acho que era. Eu pensava que essa gente de teatro tinha mais prestígio.

CLOTILDE – Antigamente tinha.

PEDRO – Agora parece que ninguém dá mais importância a eles. Também pudera. Uma vez li um artigo no jornal sobre esse tal de Marcílio Moraes. (*Pega uma coxa com a mão e dá uma dentada.*) Imagina que uma peça que ele escreveu era a história de uma família que morava com um... Bicho enorme dentro de casa. Um monstro. Sei lá.

CLOTILDE – (*Com cara de nojo.*) Hum....

BERENICE – Que coisa mais boba.

PEDRO – (*Furioso.*) Boba? Um escárnio. Isso sim. No jornal ainda dizia que o bicho simbolizava a falta de sentido, o vazio da nossa vida e outras idiotices. Por aí você vê o que eles pensam. Acham que a vida que a gente leva não vale nada. A integridade, a moral, os bons costumes pra eles não significam nada. (*Pausa.*) Só a indecência, a patifaria que serve. Corja!

BERENICE – E ainda chamam isso de arte.

PEDRO – Que que eles pensam que a gente é? Gado?

CLOTILDE – Não é de admirar que ninguém vá ao enterro deles.

PEDRO – (*Mastigando. Aponta a mesa.*) Aí. Temos a mesa farta. Graças a Deus, não falta nada. Galinha ao molho pardo, doces. Nossa ceia de **Natal** não fica atrás da de ninguém. É presunto, nozes, avelã, bolo, sardinha, bacalhau. Não passamos necessidade não.

CLOTILDE – Isso é tudo maluco.

BERENICE – São desajustados.

PEDRO – Safados. Esse é que é o termo exato.

(*Silêncio. Comem.*)

CLOTILDE – Não sei onde esse mundo vai parar.

PEDRO – Precisamos de alguém que imponha ordem. Que acabe com esse desrespeito.

CLOTILDE – Deviam proibir essas peças.

PEDRO – A vida já é tão dura e eles ainda querem atormentar mais a gente com esses problemas idiotas. Esses absurdos.

BERENICE – Em vez de escrever umas coisas agradáveis, bonitas. *(Sacudindo a cabeça.)*

Hum!

(Silêncio. PEDRO cruza os talheres no prato e põe a mão no peito.)

BERENICE – Que é? Está ruim?

PEDRO – Não.

CLOTILDE – Está sentindo alguma coisa?

PEDRO – Hoje acordei com uma sensação esquisita. Assim como se fosse receber uma notícia muito importante, mas ruim.

CLOTILDE – Cruz Credo. Que idéia.

BERENICE – Deus nos perdoe.

PEDRO – Agora essa comida não está me fazendo bem.

BERENICE – Será que pus muito tempero?

PEDRO – Não é isso. Está me dando um fastio estranho. Não vou comer mais não.

BERENICE – Quer doce?

CLOTILDE – Tem gelatina.

PEDRO – Não. Estou cansado. Vou recostar um pouco na poltrona.

CLOTILDE – Isso. Você tem trabalhado demais. Descansa bem hoje que amanhã já está melhor.

(PEDRO vai sentar-se na poltrona.)

BERENICE – A senhora quer doce?

CLOTILDE – Não. Perdi a vontade.

BERENICE – Eu também.

CLOTILDE – *(Levantando-se.)* Então vamos tirar duma vez.

(Começam a tirar a mesa. PEDRO fecha os olhos e cochila. A cabeça vai caindo, ele acorda. Cai outra vez, ele acorda. Por fim dorme. As duas andam na ponta dos pés. Levam a louça pra dentro e voltam até acabar.)

BERENICE – *(Puxando CLOTILDE para um canto, em cochichos.)* A senhora acha que ele está doente?

CLOTILDE – Não. Isso é cansaço. Depois que ele dormir um pouco melhora.

BERENICE – Deus queira.

CLOTILDE – Aproveita pra acabar aquela costura. Eu vou recostar um pouco.

(CLOTILDE sai pela esquerda e BERENICE senta-se na máquina de costura. Trabalha durante algum tempo e vira-se para olhar PEDRO. Ele está absolutamente imóvel. Ela se assusta.)

BERENICE – *(Angustada.)* Pedro! Pedro! *(Ele não se mexe. Gritando.)* Pedro! *(Levanta-se correndo, vai até ele e o sacode. Desesperada.)* Pedro! Pedro! Mamãe, corre. Pedro está morrendo. Pedro!

(CLOTILDE entra assustada pela esquerda. Agarra PEDRO e o sacode.)

CLOTILDE – Pedro! Pedro!

BERENICE – *(Desesperada.)* Faz alguma coisa. Depressa. Chama o médico. *(CLOTILDE sai apressada pela direita. BERENICE continua sacudindo PEDRO. O tom vai do desespero ao choro franco.)* Pedro! Pedro! Pedro! Pedro!

QUADRO VIII

BERENICE, CLOTILDE.

- *Cena vazia. Ouve-se rodar a chave na fechadura. Entram BERENICE e CLOTILDE pela direita. Vestem-se de preto. Sua fisionomia traduz cansaço, angústia e desespero. Sentam-se à mesa e apóiam a cabeça na mão. Longo silêncio.*

BERENICE – Ele estava tão bonito no caixão.

CLOTILDE – Parecia que estava dormindo.

(Silêncio. BERENICE chora.)

CLOTILDE – Conforme-se, minha filha. Ele foi prum lugar melhor.

BERENICE – Morreu como um passarinho. Acho que nem senti nada. *(Pausa.)* Na hora do almoço ele ainda disse: hoje acordei sentindo uma coisa tão esquisita. É como se eu fosse receber uma notícia muito ruim.

CLOTILDE – Parecia que estava adivinhando.

BERENICE – Sentou na poltrona pra descansar um pouco. Eu fui costurar. Quando olhei pra trás achei estranho. Ele estava muito quieto. Chamei: Pedro, Pedro. *(Chora.)* Não respondeu. Já estava morto.

CLOTILDE – Coitado. Ele andava trabalhando demais. Eu bem que avisei.

(Silêncio. As duas emitem longos suspiros.)

CLOTILDE – *(Levantando-se.)* Vou ver uma coisinha pra gente comer. *(Sai pela esquerda. BERENICE esconde a cabeça entre as mãos.)*

BERENICE – Por que, meu Deus? **Por quê?** *(Pausa.)* Por que que a gente sofre tanto?

CLOTILDE – *(Entra pela esquerda com uma bandeja com duas xícaras, talheres, bule de café, pão, bolo.)* Calma, minha filha. *(Coloca a bandeja sobre a mesa. Senta-se e serve.)*

BERENICE – Qual o sentido disso tudo? *(Socando a mesa e chorando.)* **Por quê?**

CLOTILDE – Não se desespere, minha filha. *(Pausa.)* Toma o café. Hoje você ainda não comeu nada. *(Ela enxuga os olhos com a mão, mexe o café, pega um pedaço de pão. Silêncio. Comem.)* Você viu a coroa que o doutor Ataíde mandou?

BERENICE – Vi. Mas ele nem se deu ao trabalho de ir lá.

CLOTILDE – Essa gente é muito ocupada.

BERENICE – Mas o que que custava? Pedro teria ficado tão feliz. (*Chora. Revoltada.*) Por que isso tem que acontecer?

CLOTILDE – Pra morrer basta estar vivo, minha filha.

BERENICE – (*Desesperada.*) Mas dói, mamãe. É como se tivesse alguma coisa aqui dentro me estraçalhando o coração. Eu quero uma resposta, mamãe. Alguma coisa que alivie essa dor.

CLOTILDE – Não se deixe levar pelo desespero, minha filha.

BERENICE – Que que importa agora, mãe? Não me resta mais nada. Só essa dor insuportável. (*Pausa.*) Queria descobrir o sentido disso tudo. Saber pra que que a gente leva essa vida. Tenho vontade de fazer uma loucura, abrir portas que eu sei que não se deve abrir.

CLOTILDE – (*Aflita.*) Calma, minha filha. Você está muito nervosa. Vem descansar um pouco.

BERENICE – (*Decidida.*) Não. Quero uma resposta. (*Levanta-se e dirige-se para a porta central.*)

CLOTILDE – (*Enérgica.*) Não. Não faça isso. É pro seu próprio bem.

BERENICE – Agora não tem mais importância, mamãe.

(*CLOTILDE corre até ela e a segura.*)

CLOTILDE – Não.

BERENICE – (*Afastando-a com violência.*) Deixa. (*Segura a maçaneta. Hesita. CLOTILDE esconde o rosto entre as mãos e vira-se de costas. BERENICE abre a porta. O quarto está totalmente escuro. Ela dá um passo à frente, procura divisar alguma coisa lá dentro. Espera um pouco para acostumar os olhos. Entra Tateando. Após algum tempo.*) Mas não tem nada aqui. (*Desesperada.*) Não tem nada. (*Vai até o fundo do quarto e abre a janela. Entra um raio de sol que inunda toda a cena. Dentro do quarto vê-se, pendurados no teto, por ganchos de açougueiro, JEREMIAS, PEDRO e uma metade esquartejada de boi. Há ainda dois ganchos vazios.*) Mamãe, não tem nada aqui. (*Corre até ela e a sacode, desesperada.*) Nada. Nada. (*Vai-se agachando lentamente até o chão, chorando.*)

CLOTILDE – Conforme-se, minha filha.

BERENICE – (*Erguendo a cabeça.*) Não entendo, mãe. E os mugidos? Quem?

(*CLOTILDE encara-a friamente e desvia o olhar. Silêncio. BERENICE abaixa a cabeça e chora. CLOTILDE puxa-a.*)

CLOTILDE – Vem pra mesa.

(*BERENICE levanta-se mas não sair do lugar. CLOTILDE senta-se à mesa.*)

BERENICE – É muito cruel. (*Chora.*)

CLOTILDE – Vem tomar mais um pouquinho de café. Você está tão pálida. (*BERENICE enxuga os olhos.*) Fecha a janela. Está entrando sol.

(*BERENICE vai até o quarto e fecha a janela. A luz começa a decrescer suavemente. Ela sai, fecha a porta e vem sentar-se. As duas voltam a comer, cabisbaixas. A luz vai decrescendo até a completa escuridão. Ouve-se um longo mugido.*)

FIM